

Entrevistas
Alunos



LUCAS ANIZIO DE MELO



Foto: Fabricio Zucolotto

entrevista

Formação musical e acadêmica

Bacharel em Música com especialidade em Violino e pós-graduado em Artes na Educação

Função atual

Professor de violino e regente



Em 2002, aos 14 anos, surgiu a oportunidade de aprender música por meio do Projeto. Até então, eu nunca havia visto um violino de perto. Foi aí que me apaixonei pelo instrumento e também pelo lindo projeto que meu deu a chance de seguir carreira na música, o que era meu desejo desde que comecei a tocar na igreja, aos 11 anos de idade”

Lucas Anizio de Melo



Lucas Anizio no início de sua carreira no Projeto Vale Música.
Foto: Acervo Vale Música

Na sua memória, de que forma começou o Projeto Vale Música? O que o levou a participar do Projeto?

O Projeto Vale Música iniciou-se através dos Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo, em 2000, com o objetivo de inclusão social através da música, atendendo a moradores da Grande Vitória.

Na época, eu participava de outro projeto social que havia em meu bairro, chamado Mãos à Terra, e foi aí que surgiram duas vagas para o projeto. Só poderia participar quem fosse selecionado. Lembro que fomos em um grupo de 10 alunos para tentar a vaga e, felizmente, fui um dos dois selecionados.

Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto? Já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Em 2002, aos 14 anos, surgiu a oportunidade de aprender música por meio do Projeto. Até então, eu nunca havia visto um violino de perto. Foi aí que me apaixonei pelo instrumento e também pelo lindo projeto que meu deu a chance de seguir carreira na música, o que era meu desejo desde que comecei a tocar na igreja, aos 11 anos de idade.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música? Há algum músico na família que o tenha influenciado na sua opção pela carreira musical?

Era morador do bairro Boa Vista, na Serra. Minha mãe foi a minha grande incentivadora, desde o início. Inclusive, lembro-me como se fosse ontem dela indo a diversas escolas para tentar mudar meu turno de estudos, pois, na época, o Vale Música funcionava somente no mesmo período em que eu estudava. Lembro que ela chegou a chorar com a pedagoga para que me desse a vaga; depois de muito insistir, ela conseguiu. Antes, eu estudava do lado de minha casa e, agora, tinha que pegar a BR de bicicleta para chegar à escola. Minha família tem muitos músicos, porém somente eu me profissionalizei. Mas consegui trazer meu primo comigo e hoje ele é integrante da Orquestra Jovem Vale Música e estudante do curso de licenciatura em Música na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).



O violinista (segundo da esq. para dir.) com a Orquestra Jovem Vale Música no Festival de Inverno de Domingos Martins em 2006, sob a regência do maestro Helder Trefzger.

Foto: Acervo Vale Música

Na sua infância e adolescência você chegou a conviver com amigos e conhecidos que se perderam no caminho das drogas e da violência? O que o estudo musical representou para um adolescente como você naquele momento?

Desde criança, minhas relações sempre foram com pessoas da igreja, porém, tive alguns amigos que perderam suas vidas de forma trágica. A música sempre me ajudou a ser mais focado naquilo que eu queria, afinal, para ser um músico profissional, são necessárias muitas horas de dedicação. Nunca tive interesse em me envolver com coisas que achava que poderiam atrapalhar meu objetivo e hoje posso colher tudo aquilo que plantei no passado.

Quantos alunos o Projeto tinha inicialmente e onde aconteciam as aulas?

Não tenho ciência da quantidade de alunos naquela época, porém, lembro que havia uma Orquestra Sinfônica e um Coral Jovem. O projeto era situado na antiga EMES (Escola de Música do Espírito Santo), atual FAMES (Faculdade de Música do Espírito Santo), e funcionava nas tardes de sexta.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até a função de regente, contextualizando o ano em que essas mudanças ocorreram.

No início, foi bem difícil, pois o acesso aos instrumentos era limitado e só os alunos da orquestra podiam levar o instrumento para casa. Então, esse passou a ser o meu objetivo. As aulas aconteciam apenas uma vez por semana. Nós só podíamos pegar nos instrumentos no momento da aula e, ainda assim, tínhamos que revezar o momento de tocar, ficando apenas cerca de 10 a 15 minutos tocando, e depois tínhamos que passar o instrumento para o outro colega. Fiquei assim durante um ano e, em 2003, consegui ingressar na Orquestra. Por fim, pude levar o instrumento para casa, o que me ajudou bastante no desenvolvimento técnico, e foi a partir daí que consegui assumir o posto de líder do naipe dos primeiros violinos. Em 2005, fiz o processo seletivo para o curso de formação musical na EMES. Lembro que havia apenas oito vagas e mais de 40 violinistas para o processo. Para mim, foi mais uma vitória garantida, gra-

ças ao esforço e dedicação. Em 2006, surgiu a oportunidade de tocar com o pianista Marcelo Bratke, com quem apenas as primeiras estantes da orquestra tiveram a oportunidade de trabalhar. Com o projeto “Alma Brasileira”, homenageamos o compositor Heitor Villa-Lobos por meio da gravação de um DVD e de turnês nacional e internacional.

Alguns anos depois, após concluir o curso de formação, ingressei no curso superior em 2011 e, desde então, não fiz outra coisa a não ser música. A partir daí, assumi o cargo de orientador de música em alguns projetos sociais. Este sempre foi meu objetivo: ensinar e poder me ver nos alunos que iniciam nesses projetos. Em 2013, assumi o posto de professor do Vale Música, realizando assim o meu maior sonho e objetivo, ainda mais diante da possibilidade de transmitir meu conhecimento aos alunos em um Projeto no qual comecei meus estudos na música. Mais do que uma realização, para mim isso é uma gratificação sem tamanho. Em 2018, depois de formado na faculdade, pós-graduado em Artes na Educação e especializado em Regência, assumi o posto de regente dos grupos de cordas do Vale Música.

Quais as principais apresentações de que você se lembra no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do estado ou no exterior?

Como aluno, com a Orquestra Jovem Vale Música, tivemos diversas apresentações nos principais teatros do Espírito Santo. Fizemos a abertura para o concerto da Orquestra Sinfônica

Brasileira (OSB) em Vitória, tocamos no Theatro Municipal, no Rio de Janeiro, e também tivemos a honra de dividir o palco com o flautista Altamiro Carrilho e o violonista Robson Miguel.

Com a Camerata Vale Música, tivemos diversas turnês, passando pelas principais salas de concertos do Brasil e do mundo. Nas turnês nacionais, passamos por Belém, São Luís, Aracaju, Carajás, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Vitória, Corumbá e São Paulo. Tocamos na Sala São Paulo, Teatro Arthur Azevedo, Sala Cecília Meirelles, Theatro Municipal do Rio, Teatro do Ibirapuera e Theatro Carlos Gomes, entre outros.

Nas turnês internacionais, nos apresentamos no Japão, Holanda, Londres, Belgrado, além dos Estados Unidos, onde tocamos no Carnegie Hall, principal sala de concertos do mundo. Dividimos o palco com grandes nomes da música, como Fernanda Takai, Naná Vasconcelos e Dori Caymmi.

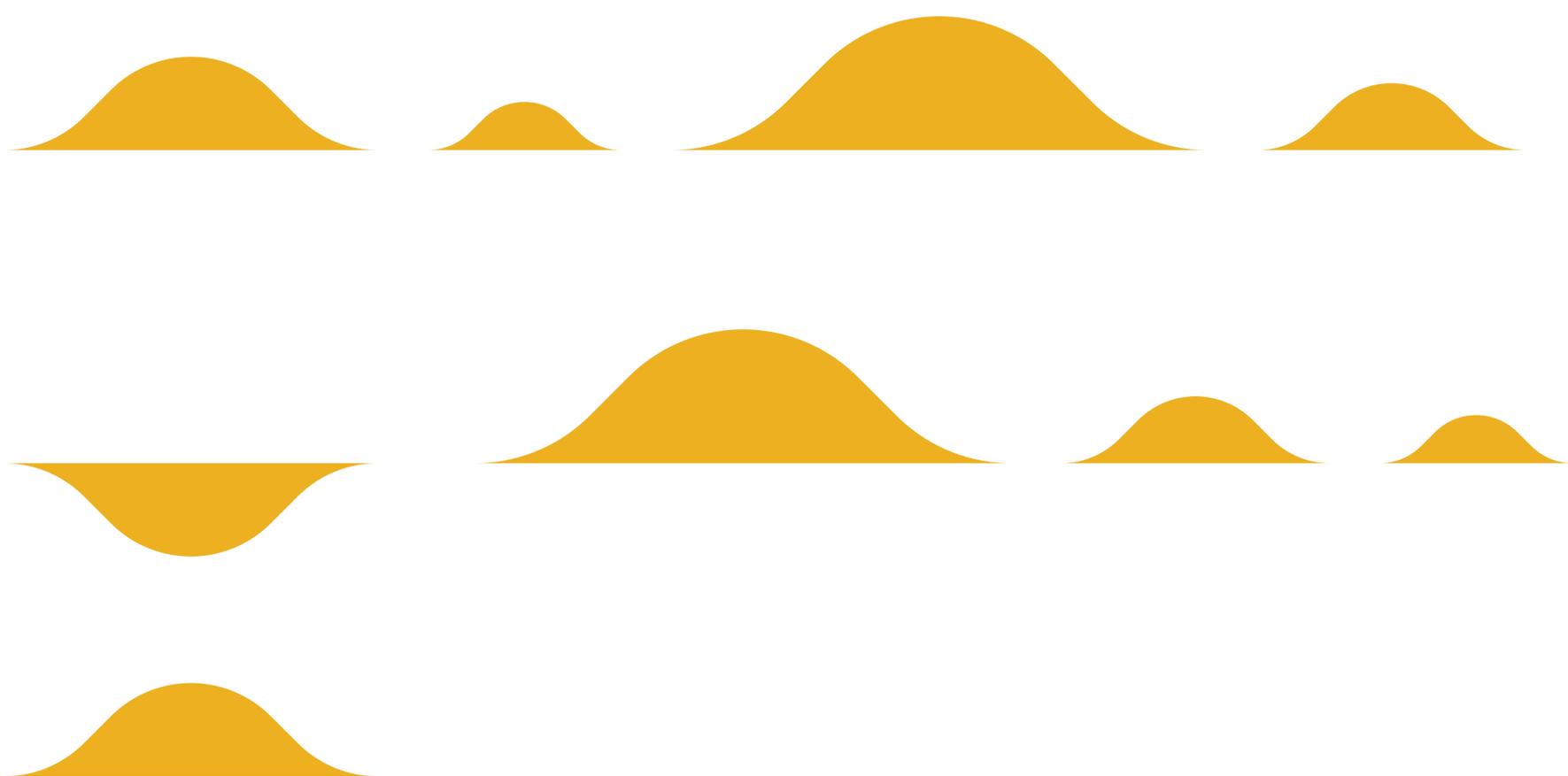
Como regente, tivemos diversas apresentações na Grande Vitória, no Festival Internacional de Inverno de Domingos Martins, no Theatro Carlos Gomes, no Teatro da Ufes e no Palácio Sonia Cabral, e dividimos o palco com o renomado violinista popular Ricardo Herz.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida? Você se lembra de outros ex-alunos que tiveram suas vidas transformadas por meio do Projeto Vale Música, independentemente de terem seguido a carreira musical?

Sim. Para mim, o Projeto Vale Música representou uma grande oportunidade de crescer, não somente como músico, mas

também como pessoa. Eu era muito tímida, tinha dificuldade de me comunicar e de me relacionar com os outros. A música me transformou, mudou meu comportamento social com os amigos e a família. Hoje sou uma pessoa realizada, com o emprego que sempre quis, e o que é melhor, fazendo o que amo: a música!

Tenho alguns amigos que seguiram a carreira musical; hoje são músicos profissionais, integrantes de orquestras profissionais, professores universitários, músicos da Polícia Militar, professores de projetos sociais e de escolas particulares.



ÂNGELO FREITAS RUY



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Ex-aluno de flauta transversa do Vale Música

Função atual

Estudante



*São tantas coisas lindas
que vivi no Vale Música, que
dançaria a valsa Projeto Jovem
Vale Música. Sempre guardarei
esses momentos como uma
parte de minha vida”*

Ângelo Freitas Ruy

Na sua memória, de que forma começou o Projeto Vale Música? O que o levou a participar do Projeto?

Começou quando eu fazia o último ano do ensino médio. Meu professor de Geografia na época disse que a Secretaria de Serviço Social de Vila Velha estava cadastrando jovens para participar do Projeto Jovem Vale Música, que era só ir no Serviço Social da Prefeitura e se inscrever. Fui e me inscrevi. Mas houve um acaso. No dia em que fui com outros amigos de escola, não tinha vaga para todo mundo.

Aí, eu e outra amiga decidimos na sorte, mas eu perdi. Mas a assistente social disse que era para eu me inscrever, pois, surgindo vaga, ela me chamaria. Quando fiz meu cadastro, coloquei que já tocava flauta doce. Aí, ela disse à minha amiga se eu podia pegar a vaga que tinha. Minha amiga disse que sim e, então, o livro de um grande sonho era aberto, para que eu, assim, pudesse ler e ao mesmo tempo escrevê-lo. O livro Projeto Jovem Vale Música entrava na cabeceira da minha cama e da minha vida.

Em que ano e com que idade você entrou no Projeto? Já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Eu entrei no primeiro parágrafo desse grande livro chamado “Projeto Jovem Vale Música”. O ano era 2001, e eu tinha 17 anos. Já conhecia um pouco de música, pois tocava flauta doce, aprendi sozinho, só não tinha conhecimento teórico. Sonha-

va (em ser músico profissional), mas, por problemas de saúde, não pude seguir. Meu sonho foi tocar flauta transversa. Mas, quando cheguei no Projeto, não tinha mais vaga para esse instrumento. Então, fiquei um ano aprendendo clarineta. Um ano se passou e aí surgiu uma vaga. Foi aí que virei uma página do Projeto Jovem Vale Música e comecei um novo parágrafo, o de aprender flauta transversa. E, com o passar do tempo no Projeto, me encantei com o ato de compor. Um parêntese era então aberto, claro, com grandes aspas de dois grandes e esplêndidos maestros: meus grandes amigos Helder e Modesto.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música?

Nasci e sempre morei no município de Vila Velha, sou um grande “canela verde”. Moro no bairro Ilha dos Ayres, perto do polo de confecções da Glória. Minha mãe sempre me incentivou (não tinha pai), sempre teve orgulho do meu talento musical e artístico.

O que o estudo musical e a participação no Projeto Vale Música representaram para um adolescente como você naquele momento?

Tudo o que sozinho talvez nunca teria conquistado. O Projeto Jovem Vale Música era minha terapia de alegria. Cheguei muitas vezes a deixar empregos para não abandonar o Vale Música. Os amigos que tinha, a grande professora Graça (Engracia

Alice Lopes Baptista), que me ajudou a comprar meu primeiro instrumento musical (nunca vou esquecer disso), e também o grande professor Bené (José Benedito) e, como disse, meus dois grandes maestros Helder Trefzger e Modesto Flávio. Eu vivia e escrevia um conto de fadas, no qual eu daria o final: “E viveu feliz para sempre”. Escrevi esse fim, compus minha primeira peça para orquestra, com a ajuda do meu professor e maestro Modesto. O meu trem, então, tomava os trilhos e seguia. Claro que, antes, eu escrevi um pequeno musical chamado “O Restaurante”, mas ele ficou e está ainda no papel (a história conta o amor de dois jovens que se reencontram na inauguração de um restaurante onde eles teriam que criar o menu da casa com nome de coisas que lembrassem música). Quem sabe, um dia esse menu seja o cardápio de algum palco de teatro... Compus 28 músicas para as personagens, seria um musical infantil. Mas a marcha “Mad Maria”, que hoje (08/05/2020) faz 14 anos, e para a qual compus o arranjo para orquestra, essa, sim, seguiu os trilhos do teatro e foi até a estação de trem à qual tinha que ir. Um sonho realizado, graças ao Vale Música. Nunca vou esquecer o dia da apresentação. Nem consegui tocar de tanta emoção. Devo esse sonho realizado ao grande amigo, maestro Modesto Flávio, que me dava dicas e corrigia meus erros e, assim, eu os consertava e minha linha de trem ia sendo feita. O “Trenzinho do Caipira”, os trilhos da Vale e a estrada de ferro Madeira-Mamoré se uniram e se tornaram a minha marcha “Mad Maria”. São tantas coisas lindas que vivi no Vale Música, que dançaria a valsa Projeto Jovem Vale Música. Sempre guardarei esses momentos como uma parte de minha vida.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música. De quais grupos participou como flautista? Quando começou a compor? Alguma composição sua chegou a ser executada nos concertos?

Minha evolução, eu acho que foi rápida, principalmente quando passei da clarineta para a flauta, pois, em alguns meses, já ensaiava para tocar na nossa primeira apresentação. Lembro que toquei a “Nona Sinfonia de Beethoven” (por não ter instrumento para todo mundo, a turma foi dividida para execução de duas peças diferentes, e aí eu fiquei com a “Nona Sinfonia”). Não cheguei a participar de nenhum grupo separado, apenas da Orquestra do Vale Música. Comecei a compor três anos depois de entrar no Projeto, isso, é claro, sem saber ao certo o que fazia, até ser moldado pelo maestro Modesto. Ele foi me dando dicas de como se compunha e então não parei. Depois de anos, a “Mad Maria” saiu da estação e tomou os trilhos.

Quais as principais apresentações de que você se lembra no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Estado ou no exterior?

A primeira apresentação não há como esquecer: foi na Vale, nos galpões onde se faz a manutenção dos trens de carga, e também quando tocamos a trilha sonora de uma animação, ao vivo, no Festival de Cinema de Vitória. Toquei com a Orquestra Jovem Vale Música no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, quando abrimos um concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB).

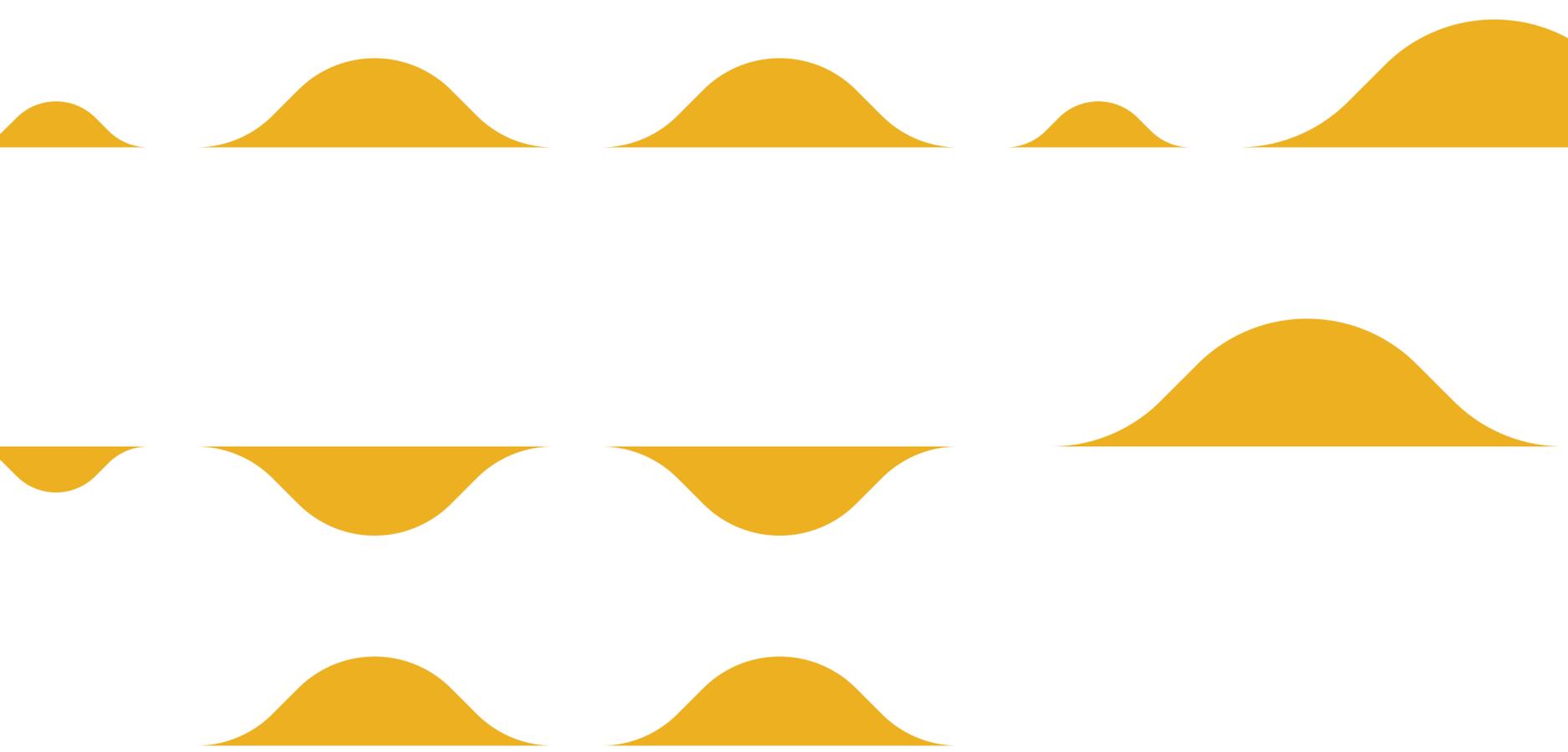
Pode-se afirmar que o Vale Música transformou a sua vida? Qual a principal contribuição do Projeto para sua vida?

Sim, e muito. Foi o realizar de um sonho, que depois se transformou em outro, e se realizaram os dois. Só não segui a carreira de músico porque talvez meu destino seja outro, mas tenho orgulho do tempo em que vivi no projeto e por ter ajudado a construir lindos e belos momentos dos quais nunca esquecerei. Sei que muitos dos meus amigos hoje são grandes músicos, eu os admiro por isso e me encanto com essa conquista de cada um. Mas, na vida, nunca é demais viver momentos diferentes. Tudo na nossa vida tem a hora certa. Sonhos podemos ter todos os dias ou noites, seja de olhos fechados ou abertos. Uma hora a certa pedra se encaixa e aí seguimos o caminho que é para ser seguido, espalhando encanto, amor e, mais do que tudo, esperanças.

Você se lembra de outros ex-alunos que tiveram suas vidas transformadas por meio do Projeto Vale Música, independentemente de terem seguido a carreira musical? Hoje, você vive da prática musical ou seguiu outra carreira profissional?

Sim, o Lucas Anizio é um deles. Olha o que ele conquistou e onde está. Tenho notícias também de outro amigo que era flautista comigo na Orquestra e hoje está na carreira militar, como um grande flautista (na época em que tocamos juntos ele era tão pequeno que a flauta ficava grande demais para ele. Mas

quem quer corre atrás, grande “Ariel”). Não vivo da música; a música serviu como uma terapia para mim, um *hobby*. Não estou com nenhuma carreira ainda pronta, mas sonho em ser teledramaturgo. Vou tentar a graduação em cinema na UFES.



ARIEL DA SILVA ALVES



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Mestre em música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Função atual

Professor da Escola de Música da Universidade Federal do Pará



Ao entrar para o Projeto Vale Música, vislumbrei o estudo de música como a grande oportunidade de mudar a minha vida. As condições financeiras da minha família não eram favoráveis. Isso me fez enxergar na música a possibilidade de construir uma vida digna”

Ariel da Silva Alves



O flautista Ariel da Silva Alves em Recital no ENARTE – 46º Encontro de Arte de Belém (PA), no Teatro da Paz. Foto: Ediel Sousa

Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?

Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?

Eu entrei para o Projeto Vale Música em 2000, aos 12 anos de idade, após passar por uma entrevista de seleção na Prefeitura do Município de Vila Velha (ES). Fui aluno de flauta transversal da primeira turma do Projeto, no ano do seu surgimento. Eu havia acabado de completar 12 anos de idade, em agosto do ano 2000, quando foi anunciado na escola Gil Bernardes, onde eu estudava, que estavam abertas as inscrições para participar de um Projeto de ensino de música. A informação era que os interessados deveriam fazer a inscrição na Prefeitura de Vila Velha. De início, não achei que seria interessante participar desse Projeto...

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Um encontro inesperado com um amigo, ao sair da escola, me fez acreditar que seria interessante participar do projeto. Esse amigo estudava em uma escola que ficava próxima à minha, e ocorreu de sairmos da escola no mesmo horário, num determinado dia. Ao encontrá-lo naquele dia, percebi que ele estava muito empolgado, vibrante, então, perguntei o que estava acontecendo. Ele me respondeu que a escola dele havia acabado de anunciar que um projeto iria ensinar música para crianças e jovens e as inscrições estavam abertas. Eu disse que haviam anunciado algo sobre um projeto de música na minha escola também. Vimos que se tratava do mesmo projeto e ele me disse que havia pensado em mim, pois a gente costumava se encontrar para tocar violão juntos. A gente era da mesma igreja, e, frequentemente, nos encontrávamos na minha casa ou na casa dele para tocar violão. Durante esses encontros, a gente sonhava muita coisa com a nossa música, imaginávamos que poderíamos ser grandes violonistas. Ao ouvir sobre o Projeto, ele acreditou que aquela seria a nossa oportunidade de estudar música e aprender coisas novas. Eu me senti contagiado pela empolgação dele, então, acabei considerando a possibilidade de fazer a inscrição para participar do Projeto.

O dia de fazer a inscrição se tornou uma história muito interessante. É uma história inesquecível para mim e que mudou a minha vida para sempre.



Desde 2018, Ariel é professor concursado de flauta da Universidade Federal do Pará. Foto: Ediel Sousa

Decidimos que faríamos a inscrição juntos. A ideia era pedir autorização aos nossos pais e pedir que um deles nos acompanhasse até a Prefeitura de Vila Velha para efetivar a nossa inscrição. Dentre as exigências para a inscrição, uma delas era que o menor de idade deveria estar acompanhado por um responsável. O problema foi que, ao chegar nas nossas casas para avisar aos nossos pais, tanto os meus quanto os dele estavam trabalhando e a gente não tinha nenhum responsável maior de idade para fazer a nossa inscrição. Mesmo assim, ele insistiu que a gente deveria ir à Prefeitura para nos inscrever e, ao chegar no local, ele iria pedir para que fosse considerada a nossa inscrição, pois ele já era quase maior de idade, tinha 17 anos.

Juntei algumas moedas que meu irmão mais velho havia guardado e me desloquei de ônibus até a Prefeitura de Vila Velha, na companhia do meu amigo. Chegando lá, como havia muita

gente para se inscrever, a Prefeitura organizou uma etapa de entrevista de seleção. Preenchemos uma ficha e ficamos aguardando sermos chamados para a entrevista. Um fato surpreendente foi que, enquanto eu estava preenchendo a ficha para a seleção, um garoto da minha idade chegou um pouco depois de mim, também para fazer a inscrição. Porém, o atendente disse aos responsáveis daquele garoto que não havia mais fichas de seleção para a idade de 12 anos. A ficha que eu estava preenchendo era a última. Fiquei bastante aliviado de estar com aquela ficha em mãos. Mesmo tendo conseguido aquela ficha de seleção, ainda estávamos muito preocupados de não conseguirmos passar pela entrevista de seleção, pois não tínhamos um responsável maior de idade naquele momento. Então, em um determinado momento, o meu amigo viu uma senhora sua vizinha saindo da sala de entrevista com os filhos. Meu amigo pediu que ela nos representasse como a nossa responsável e passasse pela entrevista com a gente. A senhora prontamente atendeu ao pedido e nos ajudou a passar pelo processo de seleção. Fizemos a entrevista e, no dia seguinte, recebemos a resposta da Prefeitura: havíamos sido selecionados para participar do Projeto Vale Música.

Onde você morava na época? A sua família o incentivou a estudar música? Há algum músico na família que o tenha influenciado na sua opção pela carreira musical ou essa decisão foi exclusivamente sua?

Eu morava no bairro Alecrim, em Vila Velha. Meu pai toca vio-

lão, não chegou a se profissionalizar na música, mas sempre teve um gosto especial pelo violão. Desde muito novo, eu o ouvia tocar em casa, ele recebia pessoas na nossa casa para tocar e cantar, e também ensinava alguns vizinhos a tocar violão. Somos quatro filhos, e sou o mais novo da casa. Meu pai queria que os meus irmãos mais velhos aprendessem a tocar violão, mas acabou que eu me interessei mais do que eles em aprender o instrumento. No final, todos nós havíamos aprendido a tocar violão, mas aprendi primeiro que todos e me tornei, aos seis anos de idade, o mais novo companheiro de música do meu pai. Nessa idade passei a ter uma ligação especial com a música, que foi se tornando cada vez mais intensa ao longo da minha vida.

A minha família sempre me apoiou a estudar música, mas a opção de seguir a carreira musical foi exclusivamente minha. A minha mãe contribuiu muito nesse processo, ela sempre me aconselhava, fazia de tudo para que eu tivesse sucesso nos estudos. Ao entrar para o Projeto Vale Música, tive a oportunidade de conhecer a música de concerto, conhecer a Orquestra Sinfônica do Espírito Santo, ter contato com grandes músicos, que eram professores do Projeto. Isso me fez perceber que música era exatamente o que eu queria fazer na minha vida. Aos doze anos de idade, a gente não tem ideia dos desafios que nos esperam quando se escolhe ser músico. Por isso considero a família um pilar importante para se obter êxito na carreira musical ou em qualquer outra carreira.

O que o estudo musical representou para um adolescente como você naquele momento?

Ao entrar para o Projeto Vale Música, vislumbrei o estudo de música como a grande oportunidade de mudar a minha vida. As condições financeiras da família não eram favoráveis. Isso me fez enxergar na música a possibilidade de construir uma vida digna.

Onde aconteciam as aulas? Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento?

Durante alguns anos, as aulas foram realizadas na Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames). Depois, o Projeto passou por outros locais também, funcionando durante um tempo na Enseada do Suá, onde era a antiga escola Arte Música. O perfil dos alunos do projeto era bem semelhante; em geral, eram adolescentes e jovens oriundos de bairros periféricos da Região Metropolitana, com idades entre 12 e 18 anos, cursando entre a 5ª série do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio. Havia alunos dos municípios de Vila Velha, Vitória, Serra, Cariacica, Viana e Fundão.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até a formação profissional em música.

A minha evolução no Projeto Vale Música se desenha a partir da minha escolha de qual instrumento eu iria tocar. O principal

motivo da minha ida para o Projeto Vale Música era o desejo de me tornar um violonista. No primeiro dia de aula no Projeto, dia de escolha do instrumento que eu iria tocar, saí de casa com a seguinte recomendação do meu pai: “Meu filho, escolha estudar violão clássico com o professor Maurício de Oliveira”. Eu tinha certeza de qual instrumento escolher, só não contava que o Projeto Vale Música não teria aulas de violão. Os alunos foram direcionados para uma sala onde os professores apresentavam vários instrumentos, e, a partir daí, escolhiam aquele que iriam estudar. Vários instrumentos foram apresentados, menos o tão desejado violão. Acabei optando pela flauta transversal; foi o som mais bonito que ouvi naquele dia. Ainda, no momento de confirmar a minha escolha, aconteceu uma situação inusitada. Alguns professores achavam que eu não poderia tocar flauta transversal, pois, na visão deles, era grande demais para mim e eu não teria tamanho suficiente para segurá-lo. Foi quando a professora Gracinha (Engracia Alice Lopes Baptista Machado) montou a flauta dela e me fez segurar a flauta para comprovar que eu poderia tocar aquele instrumento. A professora Gracinha sacramentou com as suas palavras naquele dia: ele vai ser flautista.

A professora Gracinha foi a minha primeira professora de flauta transversal, foi quem me ensinou a gostar desse instrumento. O jeito dela todo especial de conduzir as aulas e o carinho que ela tinha pelos alunos me fez amar os dias de aula no Projeto Vale Música e a me aproximar, cada vez mais, desse instrumento. Passados alguns anos de estudo, comecei a fazer aulas de flauta transversal no Projeto com o professor José Be-

nedito (Bené), que acabou sendo o meu grande mentor nessa longa jornada, até me tornar um profissional da música. Através dele, comecei a ter contato com o repertório mais avançado de flauta, a trabalhar técnicas de refinamento na execução do instrumento, passei a enxergar a música sob o olhar artístico e a compreender os principais aspectos que envolvem a arte da execução musical. Um tempo depois, além de estudar flauta com o professor José Benedito no Projeto Vale Música, comecei a estudar com ele também na FAMES, onde fiz o Curso Básico de Formação Musical (CFM I e III), em 2005 e 2006. Em seguida, em 2007, ingressei no curso de Bacharelado em Música da Faculdade de Música do Espírito Santo, onde também fui orientado pelo professor José Benedito até o final do curso. Como relatei, a minha formação musical como flautista, desde a formação básica até a graduação, se desenvolveu a partir de importantes contribuições pedagógicas do professor José Benedito, através de lições que iam além da simples prática instrumental – eram lições de conduta de vida. O professor Bené, como ele carinhosamente é chamado, acabou se tornando o meu pai na flauta, deixando de ser simplesmente uma relação de professor e aluno.

As experiências no Projeto Vale Música, com apresentações musicais, participações em festivais, *master classes*, entre outras, foram muito importantes para o meu processo de desenvolvimento como músico. Como integrante da Orquestra Jovem Vale Música, sempre busquei participar dos concertos da Orquestra, entendia a importância de estar em contato com o palco e sempre busquei fazer o meu melhor. Foram experiên-

cias relevantes, que me fizeram crescer como músico, entender as responsabilidades envolvidas nessa carreira, e, principalmente, me motivaram a continuar buscando a realização dos meus sonhos.

Considero três os fatores importantes para minha evolução durante esse processo: as contribuições pedagógicas do professor José Benedito, com lições que transcendiam a prática instrumental, as experiências musicais oportunizadas pelo Projeto Vale Música, com apresentações musicais e participação em festivais de música, e a minha determinação e vontade de sempre continuar buscando, mesmo em situações adversas. Esses três fatores me aproximaram ainda mais da realização dos meus sonhos e me permitiram, em 2009, ser aprovado no meu primeiro concurso público para integrar um grupo de música profissional. Foi o ano em que me tornei flautista da Banda de Música da Polícia Militar do Espírito Santo.

**Como você chegou a ser professor de música no Pará?
Participa de alguma orquestra no estado?**

O mestrado me fez enxergar a carreira acadêmica como uma possibilidade interessante de atuação profissional do músico. Eu sempre dei aulas, inclusive atuei em algumas ocasiões como monitor no Projeto Vale Música e, aos poucos, fui adquirindo experiências de ensino que me direcionaram para essa nova etapa da minha carreira. Durante o curso de mestrado, iniciado em 2012, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pude ver o papel importante que a música exerce na constru-

ção do conhecimento dentro das Universidades Federais. Eu desejei fazer parte disso, percebi que poderia colaborar também para a formação musical de outros indivíduos. Comecei a me preparar para possíveis concursos na minha área, de preferência para professor de Flauta Transversal e, em 2018, surgiu a oportunidade de fazer o concurso para professor de flauta da Escola de Música da UFPA. Passei em primeiro lugar no concurso e estou há um ano trabalhando como professor da instituição.

Quais as principais apresentações de que você se lembra no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo ou no exterior?

Tenho várias lembranças de apresentações que se tornaram momentos memoráveis na minha vida. O primeiro concerto da Orquestra Jovem Vale Música, no Theatro Carlos Gomes, é um deles. Essa foi a primeira vez que entrei em um teatro; foi uma sensação maravilhosa. Foi também a primeira vez que ouvi uma orquestra sinfônica tocando ao vivo. No mesmo dia do concerto, a OSES se apresentou executando "a 5ª Sinfonia" de Beethoven. Lembro-me também de uma apresentação da Orquestra Jovem Vale Música em que tive a oportunidade de tocar a valsa "Rosa", do compositor Pixinguinha, ao lado de um dos maiores nomes da flauta no Brasil, o saudoso Altamiro Carrilho. Outro momento memorável foi quando a Orquestra Jovem se apresentou no Theatro Municipal (RJ), uma das principais salas de concerto do Brasil. Nessa apresentação, sob regência do saudo-

so professor e maestro Toninho (Antônio Paulo Filho), fizemos a abertura de um concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB). Lembro-me também das apresentações no Festival de Cinema de Vitória. Por vários anos seguidos, a orquestra produziu e gravou em estúdio trilhas sonoras de alguns filmes de curta-metragem, executando-as ao vivo no Festival.

Nos quase dez anos em que estive como aluno do Projeto, acredito ter participado de todas as apresentações da Orquestra, do Coral e de outros grupos. Com a Orquestra Jovem Vale Música, tive a oportunidade de aprender muito com os estimados maestros Helder Trezfer e Modesto Flávio, pessoas que dedicaram o seu tempo para passar o seu conhecimento e transformar vidas. No coral, com a tia Gina Denise e a tia Paula Galama – era como eu as chamava na época –, foi possível viver bons momentos e de grandes ensinamentos através de canções belíssimas que as tias nos ensinavam a cantar.

Alguns músicos do Projeto Vale Música foram selecionados para participar de um grupo de câmara que se apresentaria em turnê com o pianista Marcelo Bratke. Fui um dos selecionados para fazer parte desse grupo que, inicialmente, se chamava Camerata Vale Música, mas acabou se transformando, mais tarde, na Camerata Brasil. Tive a oportunidade de me apresentar nas salas de concerto mais prestigiadas do Brasil, entre as quais, a Sala São Paulo (SP), o Teatro da Paz, em Belém (PA), o Palácio da Artes, em Belo Horizonte (MG), a Sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro (RJ), entre outras. Esse trabalho me permitiu conhecer quase todos os estados do Brasil, e foi o início de grandes realizações profissionais através da música. Com esse grupo,

participei de entrevista no “Programa do Jô” (TV Globo), uma experiência muito bacana. Além disso, tive a oportunidade de me apresentar em outros países, como Japão, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, Sérvia. Foi uma experiência muito marcante na construção da minha vida como músico profissional; talvez esses tenham sido os principais trabalhos da minha carreira como flautista até o momento. Nos Estados Unidos, tive a honra de tocar numa das salas de concerto mais emblemáticas do mundo, a Carnegie Hall. Como se não bastasse, no dia seguinte ao da apresentação, o jornal The New York Times publicou uma crítica elogiosa de uma página inteira, enaltecendo o concerto que foi realizado.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida? Você se lembra de outros ex-alunos que tiveram suas vidas transformadas por meio do Projeto Vale Música, independentemente de terem seguido a carreira musical?

Com toda certeza que sim. Considero que o Vale Música se tornou um divisor de águas na minha vida. Existiu o Ariel antes do Vale Música e o Ariel depois do Vale Música. Boa parte dos acontecimentos importantes do início da minha carreira se deu no período em que estive no Projeto Vale Música. Analisando todo o contexto, desde não ter um responsável no dia da inscrição para participar do Projeto, de pegar a última ficha da etapa de seleção, de supostamente não ter tamanho na época para tocar flauta transversal, e a forma como essas coisas se desenrolaram, acredito que Deus já havia preparado to-

das as coisas e o resultado não poderia ser diferente. A carreira de músico impõe muitos desafios e, principalmente, quando se está no início dela, você pode se deparar, muitas vezes, com situações bem complexas. No meu caso, a parte financeira foi um problema no início. Como meus pais não tinham condições financeiras de comprar uma flauta para mim, eu precisei trabalhar dois anos como estagiário em um supermercado para poder juntar dinheiro e comprar a minha primeira flauta. Foi um período difícil da minha vida, bastante cansativo, mas eu superei o problema. Consegui juntar o dinheiro e comprei a tão sonhada flauta na minha primeira viagem internacional, quando me apresentei no Japão com a Camerata Vale Música. Talvez a maior transformação do Vale Música na minha vida foi me fazer enxergar quanta coisa é possível realizar, mesmo não dispondo de muito. Sou muito grato ao Projeto Vale Música pelo que eu me tornei. Tenho muito orgulho de ter feito parte desse projeto. Costumo dizer que as nossas realizações são proporcionais ao tamanho dos nossos sonhos. Isso sintetiza bem o que foi essa minha jornada, que se iniciou no Projeto Vale Música e se estende até os dias de hoje como professor da Escola de Música da Universidade Federal do Pará. Posso dizer com toda certeza: vale a pena sonhar.

Alguns alunos com os quais tive contato durante o projeto:

Lucas Oliveira – Violoncelista muito talentoso, que hoje estuda na Europa.

Wagner Nascimento – Percussionista da Orquestra do Teatro Nacional de Brasília.

Júlio César – Violista da Camerata do Sesi e da OSES.

Lucas Anizio – Professor do Vale Música.

Denise Justino – Professora de música no SESC.

Rodrigo Rodrigues – Clarinetista.

Harley Fonseca – Bombeiro Militar do ES.

Danusa Rosa – Flautista, desenvolve trabalhos de câmara e está atualmente estudando na UFMG.

Sérgio (Serginho) – Era flautista no projeto e se tornou Policial Militar em São Paulo.

WAGNER NASCIMENTO



Foto: Acervo Pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Bacharel em Música com habilitação em percussão pela Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES). Pós-graduado em Arte na Educação e Pós-graduado em Regência de Bandas

Função atual

Músico percussionista na Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro em Brasília (DF)



Posso dizer, sem dúvidas, que o estudo musical no Vale Música salvou minha vida. A maioria dos adolescentes e jovens de hoje não tem nenhuma perspectiva de vida. Isso se deve a uma situação familiar e cultural. Eu era mais um desses jovens e não sei o que me tornaria se não fosse a música. O estudo musical me trouxe disciplina, me trouxe objetivos, me deu sonhos”

Wagner Nascimento

**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

Conheci e ingressei no Projeto Vale Música em 2005, com 15 anos. Isso se deu através de um trabalho de concerto nas escolas, realizado pela Orquestra Sinfônica do Espírito Santo. Eu era aluno do ensino médio de uma escola da Rede Pública Estadual, e a Orquestra foi realizar um concerto nessa escola. A minha esposa hoje, na época namorada, tocava viola de orquestra e me pediu pra gravar a Orquestra para ela ouvir. Eu não tinha muita relação com orquestra, nunca tinha ouvido nada nessa área, só tocava bateria na igreja. Então, fui, gravei e me interessei pelos percussionistas que estavam ali tocando. Fui até eles perguntar se eles davam aulas de bateria, que era aquilo que eu vislumbrava na época. Um dos percussionistas me direcionou para uma musicista da Orquestra, a Gina Denise, que, na época, se não me engano, era professora ou coordenadora do Vale Música. A Gina me passou o contato de uma assistente social que fazia entrevistas para o Projeto Vale Música. Enfim, até aí eu não sabia de nada, onde eu estava entrando, né? Eu fui atrás disso... fiz contato com a assistente social, que, inclusive, morava na frente da casa onde eu morava. E, a partir daí, fiz essa entrevista e fui convidado para participar do Projeto Vale Música.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

A princípio, foi o interesse em me aperfeiçoar como baterista. Ainda nessa época, o único pensamento que eu tinha era tocar melhor a bateria na igreja. Não tinha essa preocupação de ser músico profissional, só tinha esse conhecimento bem superficial da bateria – instrumento que eu toco também –, mas não sonhava em ser músico de maneira nenhuma.

Onde você morava na época? A sua família o incentivou a estudar música? Há algum músico na família que o tenha influenciado na sua opção pela carreira musical ou essa decisão foi exclusivamente sua?

Na época em que ingressei no Projeto Vale Música, eu morava no Bairro Jabour, que fica na Grande Goiabeiras, em Vitória. Naquele momento, a minha família levava como um hobby. Até eu mesmo levava isso como um hobby. Minha família não tem nenhum músico, apenas a minha irmã tocava na igreja, e a minha namorada também. Mas não havia nenhum músico profissional. Por isso, por ser uma família bem simples, nunca tive nenhum incentivo para estudar música. Por outro lado, também não fui desincentivado. Mas as coisas aconteceram naturalmente. Quando eu estava no Projeto Vale Música, conseguia uma pequena renda com os concertos didáticos que o Projeto realizava, era algo que ajudava os alunos na época. Meus pais tinham acabado de se separar, estávamos com problemas financeiros e acabou que essa ajuda financeira contribuiu para que a minha mãe e o meu pai não questionassem esse caminho que eu começava a seguir.



Wagner aproveitou as oportunidades que teve no Projeto Vale Música para se desenvolver profissionalmente. Foto: Acervo pessoal

O que o estudo musical representou para um adolescente como você naquele momento?

Posso dizer, sem dúvidas, que esse estudo musical naquela época salvou minha vida. A maioria dos adolescentes e jovens de hoje não tem nenhuma perspectiva de vida. Eles estudam, fazem ensino fundamental, ensino médio, mas não têm objetivos, né? Isso se deve a uma situação familiar e cultural. Eu era mais um desses jovens e não sei o que me tornaria se não fosse a música. O estudo musical me trouxe disciplina, me trouxe objetivos, me deu sonhos. E tudo isso naquele momento me tirava daquela situação, que era a minha realidade familiar, a realidade financeira da minha família e a realidade social na qual me encontrava.

Onde aconteciam as aulas? Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento?

Tive oportunidade de ministrar uma aula no Projeto Vale Música atualmente e vi que a situação hoje é bem diferente da minha época. No começo, o Projeto não tinha uma casa e era meio itinerante. Logo que cheguei, as aulas aconteciam na Faculdade de Música do Espírito Santo. A FAMES cedia o espaço, aos sábados, para os alunos do Vale Música. O perfil dos alunos era muito diferente um do outro, mas você percebia que todos tinham uma realidade social muito próxima. Às vezes, um ou outro tinha uma estrutura familiar mais consolidada, mais organizada... Mas todos estavam em situação de vulnerabilidade social. A maioria dos alunos tinha de 12 a 17,18 anos. Tinha alunos de Vitória, como eu, alunos da Serra, de Cariacica e Vila Velha.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até a formação profissional em música.

Comecei no Projeto Vale Música em 2005 e as coisas aconteceram de uma forma muito rápida pra mim. Com menos de um mês, logo que eu cheguei, já fiz uma viagem com a Orquestra do Vale Música para o Rio de Janeiro, onde abrimos o concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira. Foi minha primeira viagem de avião... isso mexeu muito com a minha cabeça: ir para outro estado, eu nunca tinha feito isso. Eu tocava na Orquestra do Projeto Vale Música, a gente tinha uma pequena rotina de concertos, talvez um por mês. Uma coisa muito interessante é que eu tocava nos concertos didáticos que o Vale Música fazia

com a Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (OSES), por meio dos Amigos da Orquestra, uma associação que existia naquela época. Isso tinha uma pequena remuneração. Pequena hoje em dia, mas, naquela época, era tudo que eu tinha. Isso aconteceu por um ou dois anos.

Logo depois disso, surgiu o pianista Marcelo Bratke. Em parceria com a Vale, ele selecionou alguns alunos do Vale Música para fazer um trabalho financiado por patrocínios que ele conseguia. Por meio desse trabalho com o Marcelo, acabei viajando o Brasil inteiro. A gente chegou a ir para o Japão, Estados Unidos, Holanda, Sérvia, para se apresentar. Fiquei nesse grupo de 2007 a 2012, com muitas viagens. Era uma vida de músico famoso, poderia dizer assim. Era tudo muito bom, hotéis muito bons, sempre tocando nas melhores salas. Isso tudo serviu, de uma forma muito orgânica, para consolidar a música na minha vida. Posso dizer que as coisas aconteceram fruto de um trabalho árduo, com muito estudo. Tem muita gente que estuda, se dedica e as coisas não acontecem, porque não tem essas oportunidades. Eu tive muitas oportunidades dentro do Projeto Vale Música.

A partir de 2012, me desliguei do Projeto, porque já tinha de 21 para 22 anos e também me desliguei do trabalho com o Marcelo Bratke. Nessa época, eu já era músico percussionista da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (OSES), onde permaneci de 2008 a 2018. Quando entrei na faculdade, deixei o Projeto Vale Música e minha cabeça começou a se esclarecer quanto à questão profissional. Foi aí que deixou de ser uma brincadeira, deixou de ser uma fantasia para se tornar realidade. Poucos

meses depois que me formei, surgiu, em 2014, o concurso para a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro.

Como você chegou até a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro?

A Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro foi um concurso que fiz em 2014, depois que me formei. Havia apenas uma vaga, e fui aprovado em primeiro lugar. Só que demorou para eu ser nomeado, o que ocorreu em 2018. Foi algo incrível, para mim, poder ingressar nessa Orquestra porque, hoje em dia, esses empregos de orquestra pública no Brasil estão terminando. Ingressar numa orquestra que tenha um bom salário, na qual você seja um músico efetivo, ser um servidor efetivo... Isso tudo trouxe muitos benefícios para minha vida. Estou muito recente na Orquestra, comecei a tocar em meados de 2018 e, com a pandemia, ainda não toquei em 2020. E as coisas ainda estão acontecendo, porque estou no processo de me instalar, de conhecer os membros da Orquestra, porque é muito grande, são quase 100 músicos.

Quais as principais apresentações de que você se lembra no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo ou no exterior?

Nessa época, qualquer apresentação era marcante, né? São as suas primeiras apresentações, os primeiros aplausos, os primeiros desafios. Lembro que foram legais em vários sentidos.

Principalmente essa que foi a minha primeira – talvez segunda – apresentação, quando a gente foi para o Rio de Janeiro abrir o concerto da OSB (Orquestra Sinfônica Brasileira). Foi a primeira vez que toquei num grande teatro e vi uma orquestra profissional. Então, fui entendendo mais um pouquinho como as coisas aconteciam. A primeira viagem de avião... Isso tudo marcou muito a minha vida. Já nessa Camerata Vale Música, com a qual a gente tocava com o Marcelo Bratke, tivemos muitas apresentações nos principais teatros do Brasil, como a Sala São Paulo (SP), a Sala Cecília Meireles (RJ), o Palácio das Artes (MG). Também fizemos apresentações no exterior, principalmente no Carnegie Hall, em Nova York, que foi o ápice. Não só para nós, mas para qualquer músico de concerto.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou a sua vida? Você se lembra de outros ex-alunos que tiveram suas vidas transformadas por meio do Projeto Vale Música, independentemente de terem seguido a carreira musical?

Sem dúvida! O Projeto Vale Música trouxe um novo rumo para a minha vida. Se tudo isso não tivesse acontecido lá no início, se eu não tivesse ingressado no Vale Música, acho que eu não teria, dentro das minhas condições de vida daquela época, tido alguma relação com o trabalho profissional de música. As oportunidades que o Projeto me proporcionou foram fundamentais. Lembro de vários alunos do Projeto que foram companheiros de faculdade. Se eu puder citar alguns, lembro do Ariel. Na última vez que o vi ele tinha terminado o mestrado no sul do país.

Outros são educadores musicais que até fazem parte do Projeto Vale Música, como o Lucas Anísio. Também tem o Jocimar, que era aluno de tuba do Projeto, entre outros que passaram por lá. Para muitos alunos, o Projeto trouxe outra perspectiva, um novo caminho. Eu me lembro de aulas de teoria dentro do Projeto que nos encaminhavam para faculdades e para cursos técnicos de música. Na verdade, o Vale Música era uma passagem. Ele dava oportunidade para esses alunos que não teriam nenhuma perspectiva com a música de concerto e proporcionava esse contato.

LUCAS DE OLIVEIRA SANTOS



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Bacharelado em Música – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Função atual

Estudante de Mestrado em Performance na Sibelius Academy, em Helsinki (Finlândia)

O meu primeiro contato com o violoncelo foi no Projeto Vale Música. Lá, tive a oportunidade de ter aulas de violoncelo com o Sanny Souza e de levar o instrumento pra casa, porque minha família não tinha condições financeiras para pagar aulas particulares e para comprar um instrumento. O Projeto foi essencial para o meu início”

Lucas de Oliveira Santos



Lucas de Oliveira teve o primeiro contato com o violoncelo no Projeto Vale Música e, desde então, vem trilhando uma bem-sucedida carreira no país e no exterior. Foto: Acervo pessoal

Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?

Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?

Entrei no projeto em 2007, através de indicação de um colega.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Na verdade, entrei porque era o projeto social que, na época, oferecia aulas de violoncelo. Eu estava decidido que queria tocar este instrumento, então esse foi um dos motivos pelos quais procurei o projeto.

Onde você morava na época? A sua família o incentivou a estudar música? Há algum músico na família que o tenha

influenciado na sua opção pela carreira musical ou essa decisão foi exclusivamente sua?

Na época eu morava em Vitória. Não tenho músicos profissionais na família; meu pai toca violão na igreja, mas de forma amadora. Mas, desde pequeno, sempre gostei de música e a decisão de seguir na área foi naturalmente minha. Minha família sempre me apoiou e ajudou muito.

O que o estudo musical representou para um adolescente como você naquele momento?

Comecei a estudar música seriamente com 14 anos e isso ajudou muito no desenvolvimento de habilidades como concentração, disciplina, paciência e interesse por outros tipos de artes.

Conte sobre sua evolução profissional desde o começo no Projeto Vale Música, a passagem pela FAMES, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a ida para a Europa.

O meu primeiro contato com o violoncelo foi no Projeto Vale Música. Lá, tive a oportunidade de ter aulas de violoncelo com o Sanny Souza e de levar o instrumento pra casa, porque minha família não tinha condições financeiras para pagar aulas particulares e para comprar um instrumento. Então, o projeto foi essencial para o meu início. No ano seguinte, ingressei no curso de formação básica na FAMES, onde continuei me desen-

volvendo com a professora Raquel Rohr, participando de festivais e premiações em alguns concursos, até entrar como músico na Orquestra Sinfônica do Espírito Santo, onde também fez algumas participações como solista.

Em 2015, resolvi aprimorar os estudos fora do Estado. Então, me mudei para Natal (RN) para fazer minha graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na classe do Fabio Presgrave, que é hoje um dos grandes centros de formação de violoncelista no Brasil. Durante meu curso, fiz vários festivais importantes pelo Brasil e apresentações na Alemanha. No meu último ano da graduação, fui aprovado pelo Erasmus (NE: programa de cooperação internacional estudantil criado em 2004 e financiado pela Comissão Europeia) para cursar um ano



de intercâmbio na Sibelius Academy, em Helsinki. Depois de terminar o intercâmbio, eu me apliquei para o mestrado em Performance, na mesma instituição onde estudo atualmente.

Como você chegou até a Finlândia? O Vale Música o incentivou a buscar uma carreira no exterior?

Quase todo estudante de música clássica na América Latina tem o sonho de estudar na Europa ou na América do Norte, onde ficam os grandes centros de formação, com tradições de várias gerações, e isso sempre foi um sonho para mim. Já conhecia a Sibelius Academy por nome e também foi ideia do meu professor em Natal, o Fábio. Primeiro fui para intercâmbio e, depois, decidi ficar.

Atualmente você participa como violoncelista de alguma orquestra na Europa? Em quais países já se apresentou em concertos?

Atualmente participo da Orquestra da Universidade e já fiz algumas apresentações na Alemanha e na Inglaterra.

Quais as principais apresentações de que você se lembra no Projeto Vale Música? Na época você chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo ou no exterior?

Lembro que fiz apresentações somente no estado quando estava no Vale Música. Mais tarde, participei de um projeto com o pianista Marcelo Bratke, mas não sei se ele tinha alguma ligação com o projeto naquela época. Com ele, fiz turnês nacionais e uma apresentação em Londres.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida? Você se lembra de outros ex-alunos que tiveram suas vidas transformadas por meio do Projeto Vale Música, independentemente de terem seguido a carreira musical?

Sim, sem dúvida. O Projeto me deu a oportunidade de ter aulas e acesso ao instrumento de forma gratuita, o que seria difícil para minha família na época. Muitos músicos que passaram pelo projeto hoje atuam no estado em orquestras, bandas, dando aulas em projetos sociais etc. Mesmo os que não seguiram a carreira musical profissionalmente, hoje são apreciadores de boa música, e tenho certeza de que o Projeto contribuiu para a sua formação como ser humano.

MATHEUS OTONI NEVES CORREIA



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Ensino superior incompleto (Música/Ufes)

Função atual

Músico freelancer



“O Vale Música foi o “SIM” que a vida não me deu. Eles me ensinaram a ser uma pessoa de caráter. Meu professor Eduardo Lucas foi a maior inspiração que tive, pois a vida que ele teve e de onde ele veio foram condições totalmente desfavoráveis para que ele pudesse ser quem é hoje. E minha coordenadora, Júlia Sodré, que carinhosamente chamo de mãe, com a mão que estendeu para mim, sem olhar o meu passado, sem preconceito, sem se importar com o que eu fui, mas acreditou no que eu poderia ser. Devo tudo ao projeto e devo mais ainda a quem faz o projeto”

Matheus Otoni Neves Correia



Matheus Otoni (primeiro da esq. para dir.) com a Banda Sinfônica Vale Música: trompetista integrou vários grupos do Projeto e ampliou horizontes ao se especializar na editoração de partituras. Foto: Acervo Vale Música

Como e quando o Projeto Vale Música ingressou na sua vida? Em que ano e com que idade você entrou no Projeto?

O projeto me foi apresentado por um amigo (Bertilho) que já estudava lá e me convidou a participar. Isso foi em 2015. Eu já estava com 17 anos.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Tive uma vida seguida de diversos erros e, quando o projeto me foi apresentado, tentei agarrar a oportunidade. A única experiência que tive com música foi a banda marcial da qual participei na escola João Bandeira, do meu bairro, e nunca imaginei voltar a me envolver com música.

Onde você morava na época? A sua família o incentivou a estudar música?

Enquanto eu fiquei no Vale Música, sempre morei no bairro Santos Dumont, em Vitória. Como entrei já com uma idade avançada, próximo aos 18, isso não foi bem aceito, pois minha mãe queria que eu trabalhasse, o que é perfeitamente aceitável.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

Gosto de dizer que todo o estudo que tive no Vale Música me representou o “SIM” que a vida não me deu.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até o momento atual. De quais grupos participa atualmente no Projeto e em quais funções?

Eu entrei sem saber nada praticamente. Só sabia cinco notas musicais. Como entrei com 17 anos e só podia ficar até os 18 sem seguir carreira musical, entrei com o pensamento de aprender tudo muito rápido em pouco tempo, a ponto de trocar o meu horário de colégio para estudar no Projeto. Eu estudava no período da tarde e só conseguia estudar pela parte da manhã, então tive a ideia de trocar de escola e de período – fui para a noite e comecei a ir estudar no Vale Música pela parte da manhã e à tarde. Eu era o único aluno que ficava o dia inteiro no Projeto, já que não conseguia estudar em casa,

por problemas pessoais. Mais tarde, tive a informação de que você pode ficar até os 24 anos se quiser seguir carreira. Foi um momento-chave porque, em menos de um ano, consegui entrar na Banda Sinfônica Vale Música, que era o carro-chefe do Projeto, e também fui incluído no Coral principal. Logo após, o maestro Eduardo Lucas criou um novo grupo, a Vale Música Jazz Band, no qual também fui incluído. Em poucos meses, eu já dominava alguns assuntos teóricos da música, que me abriram uma curiosidade sobre algo que o meu professor já trabalhava, que era a editoração de partituras. Aos 18 anos, eu editorava e criava meus próprios arranjos. Minha coordenadora e “mãe” Júlia Sodré percebeu que eu tinha habilidade com a editoração e começou a me arrumar trabalhos na área; foi meu primeiro dinheiro com música. Com o tempo, comecei a dar aula de teoria musical, voluntariamente, para alguns alunos e, depois, fui contratado como copista do projeto.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo?

Com certeza, o que mais me marcou e me emocionou foi minha primeira viagem para Minas Gerais com o Projeto. Na época, eu só participava do Coral e fiquei encantado com a Banda Sinfônica, pois foi a primeira vez que os vi tocando e foi justamente em uma apresentação fora do meu estado. Na volta da viagem, coloquei, como obrigação para o meu desenvolvimento, entrar nesse grupo. Teve diversas apresentações que me emocionaram muito também. Uma das que vale lembrar foi quando o meu maestro me deu a oportunidade de solar uma

pequena parte da música “Spain”. Na minha cabeça, eu não seria capaz de concluir essa “missão”, mas ele acreditou em mim. Me lembro que todas as vezes em que eu tocava essa música, independentemente de ser ou não um ensaio, eu fechava os olhos, respirava fundo e toda a minha história passava rapidamente na minha frente. Era uma luta constante para a lágrima não rolar.

E quais as maiores dificuldades que você enfrentou para dar sequência à sua formação musical?

Com certeza, foi a família. Foi muito difícil para a minha mãe aceitar a minha escolha. Lembro que uma vez eu estava sem passagem para ir ao Projeto estudar, então, fui a pé de Vitória até a Serra. Depois de um tempo, ela descobriu e discutimos um pouco.

Pode-se afirmar que o Vale Música ajudou a transformar sua vida? Em que sentido?

Pode-se afirmar, com toda a certeza! Como eu disse, o Vale Música foi o “SIM” que a vida não me deu. Eles me ensinaram a ser uma pessoa de caráter. Meu professor Eduardo Lucas foi a maior inspiração que tive, pois a vida que ele teve e de onde ele veio foram condições totalmente desfavoráveis para que ele pudesse ser quem é hoje. E minha coordenadora, Júlia Sodré, que carinhosamente chamo de mãe e que me adotou como um filho, com a mão que estendeu para mim, sem olhar o meu passado, sem preconceito, sem se importar com o que eu fui, mas acreditou no que eu poderia ser. Devo tudo ao Projeto e devo mais ainda a quem faz o Projeto.

SUELEN PERONI RAMOS



Foto: Anderson Fonseca

entrevista

Formação musical e acadêmica

Licenciada em Música pela Ufes e pós-graduada em Educação Musical

Função atual

Instrutora de Música/Violino

Minha passagem pelo Vale Música foi curta e muito intensa. Entrei em 2000 e, com dois anos de projeto, começando do zero no violino, fui aprovada no CFM (Curso de Formação Musical) da Fames. Participei assiduamente das aulas, me dediquei aos estudos e curti todas as aulas, os recitais, os concertos, absorvendo tudo o que pude. Foi uma experiência da qual me orgulho muito”

Suelen Peroni Ramos

Como e quando o Vale Música entrou na sua vida? O que a levou a participar do Projeto?

Entrei no Projeto no meio de 2000. Eu estava na antiga 7ª série e estudava em uma escola da rede pública de Vila Velha. No colégio, eu tinha algumas colegas que faziam parte do Projeto Vale Música e elas sempre comentavam que era muito bom. Eu já tocava violão e teclado, então, me interessei em conhecer e saber como funcionavam as aulas no Projeto.

Quando entrou para o Projeto você já tinha conhecimento musical e sonhava em seguir essa carreira profissionalmente?

Quando entrei, eu já tocava violão e teclado, mas nunca tinha estudado um instrumento por partitura, com aulas regulares e com uma formação tão clássica. Eu não tinha a pretensão de seguir carreira.

Onde você morava na época? Sua família a incentivou a estudar música? Há algum músico na família que a tenha influenciado na sua opção pela carreira musical ou essa decisão foi exclusivamente sua?

Eu morava onde ainda moro até hoje, no bairro Alvorada, em Vila Velha. Minha família percebeu muito cedo que eu levava jeito para a música. Meu irmão me ensinou as primeiras notas no violão, minha mãe me levava para as aulas de teclado e,

desde os 10 anos, eu tocava e cantava com minhas irmãs na igreja. Meu pai era músico e tocava acordeom, entretanto, não chegou a me ver tocando, pois ele faleceu quando eu tinha apenas 6 anos. Creio que herdei dele o amor pela música. Mesmo com tanta gente torcendo por mim, não acho que a minha decisão de seguir a carreira profissional tenha sido influenciada por alguém especificamente. O palco, os concertos, o público e os meus alunos me fizeram decidir seguir adiante.

O que o estudo musical representou para uma adolescente como você naquele momento?

No início, achei que era somente aprender um instrumento novo, eu sempre fui muito curiosa musicalmente. Depois, passado o primeiro ano e meio, eu já estava tão apaixonada pelo violino que queria ter meu próprio instrumento. Foi aí que ganhei o meu primeiro violino na minha festa de 15 anos. No ano seguinte, tive que tomar minha primeira grande decisão: os alunos que tinham o próprio instrumento já começavam a estudar para fazer a prova da Fames, e esse foi o meu grande objetivo também. Preparei-me para a prova e passei de primeira e, para minha surpresa, ao falar da minha aprovação com o coordenador e professor Sanny Souza, ele me disse que os alunos aprovados na Fames deveriam deixar a vaga do projeto para outros alunos terem oportunidade. Com muita dor no coração, eu saí do Projeto, mas sempre levei a gratidão por ter participado de um Projeto tão lindo e que me deu a oportunidade de sonhar e realizar esse sonho de virar violinista.

Você gostaria de destacar algum profissional (professor, maestro, coordenador) que tenha sido fundamental para sua evolução no Projeto e para o seu crescimento musical? Por quê?

No começo, meu maior incentivador foi o professor Ilberto Kieper, com quem aprendi as primeiras notas. Mas tive a sorte de ter pessoas como Gina Barreto, Paula Galama, Sanny Souza, Helder Trefzger, Tônico Cardoso, José Benedito, que, sem perceberem, com suas histórias de vida e de sucesso, me impulsionaram a querer sempre mais e mais, a buscar meus sonhos e realizá-los. Agradeço a eles e a tantos outros que passaram por mim nessa jornada.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluna até chegar à Oses e à Camerata Sesi, contextualizando o ano em que essas mudanças ocorreram.

Minha passagem pelo Vale Música foi curta e muito intensa. Entrei em 2000 e, com dois anos de Projeto, começando do zero no violino, fui aprovada no CFM (Curso de Formação Musical) da Fames. Participei assiduamente das aulas, me dediquei aos estudos e curti todas as aulas, os recitais, os concertos, absorvendo tudo o que pude. Foi uma experiência da qual me orgulho muito.

Em 2003, após passar na prova da Fames, optei por sair do Projeto e deixar a vaga para outro aluno da comunidade, e iniciei uma trajetória de cinco anos de estudos na Fames. Lá, tive

aula com vários professores, cantei no Coro Jovem, que era um grupo cênico regido pela Hellem Pimentel e onde conheci o professor Leonardo David. Na ocasião, ele regia uma Camerata Jovem formada por seus alunos na Fames. Nesse grupo, tive a oportunidade de aprender sobre história da música, os seus períodos, interpretação, técnica do violino, e tudo de forma prática, pois cada concerto trazia um grande aprendizado. Tudo era muito novo. Em 2005, até recebi o Prêmio de Músico do ano. Foi a partir desse grupo de jovens músicos que, posteriormente, em 2008, surgiu a Camerata Sesi, que até hoje vem encantando o público por onde passa, 12 anos depois de seu início.

A minha história com a Oses se iniciou em 2012, quando fui convidada pelos maestros Helder Trefzger e Leonardo David e atuei por duas temporadas como violinista na Orquestra. O convite veio após os maestros regerem e acompanharem meu desempenho na Camerata Sesi.

Quais as principais apresentações de que você se lembra no Projeto Vale Música? Chegou a participar de algum concerto fora do estado ou no exterior?

Eu me lembro da primeira vez que toquei no (Theatro) Carlos Gomes. Foi em um concerto de encerramento do ano em que a Orquestra do Vale Música se apresentou. Nesse dia, fui entrevistada para o jornal da Vale, e a matéria saiu no jornal impresso de circulação da empresa. Tocamos também no Museu Vale. Nunca participei de concertos fora do estado, pois meu tempo de permanência no Projeto foi muito pequeno.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida? Você se lembra de outros ex-alunos que tiveram suas vidas transformadas por meio do Projeto, independentemente de terem seguido a carreira musical?

Comecei no Vale Música sem grandes pretensões e, de uma forma encantadora, através dos profissionais envolvidos nas aulas, o Projeto foi mudando a minha forma de ver a música e percebi como ela era importante para mim. Portanto, é possível afirmar, sim, que o Vale Música mudou a minha vida. Se não fosse pelo Projeto, talvez eu não tivesse decidido viver da música. Lembro-me de um colega que estudava na mesma época que eu, o Júlio César de Jesus. Ele estudava viola e também chegou a trabalhar na Camerata Sesi por alguns anos.

WILLIAN SAMPAIO DA COSTA



Foto: Thuanny Louzada

entrevista

Formação musical e acadêmica

Cursando o 7º período de Licenciatura em Música na FAMES

Função atual

Trompista na Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (Oses)

O Vale Música foi um divisor de águas na minha vida.

Sem o Projeto, eu não teria a oportunidade de conhecer a música da forma como me encontrei e me realizei como pessoa e profissionalmente.

Conheço dezenas de pessoas que tiveram suas vidas transformadas pelo Projeto. Mesmo que não tenham se tornado músicos profissionais, a experiência do Projeto em suas vidas foi única”

Willian Sampaio da Costa

**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

Entrei no Projeto através de um processo seletivo com 15 anos, no final de 2011.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Eu tinha amigos que participavam do Projeto e gostava de música, pois tocava violão e bateria na igreja, mas nunca levei muito jeito pra coisa.

Onde você morava na época? A sua família o incentivou a estudar música?

Morava em Novo Horizonte, na Serra. No começo, minha família aceitou, pois era algo que ocupava minha mente, porém eles não aceitaram bem a minha decisão de seguir a carreira profissional, pois não havia nenhum músico na família e não viam o músico profissional como algo que fosse gerar retorno financeiro.

O que o estudo musical representou para um adolescente como você naquele momento?

Foi indispensável, pois eu passava muito tempo na rua, e tinha influências que talvez pudessem ter me levado para um

caminho sem volta. O Projeto me salvou.

Onde aconteciam as aulas? Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento (faixa etária, escolaridade, região...)?

As aulas aconteciam numa parte superior da casa da antiga coordenadora do Projeto; posteriormente, mudaram para a Estação Conhecimento de Serra. O perfil dos alunos era de 13 a 16 anos, cursando os ensinos fundamental e médio.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até a formação profissional em música.

Comecei estudando com o professor Alan Vinícius, trompista da Oses. Dois anos depois, entrei para a Fames e comecei a estudar com o professor Ricardo Lepre, que me incluiu no ambiente profissional, no qual comecei a receber cachês e a me estabelecer profissionalmente.

Como você chegou até a Orquestra Sinfônica do Espírito Santo?

Em 2018, houve um déficit de trompista, então, abriram uma vaga de estágio na qual fui incluído. Em janeiro de 2020, fiz o concurso no qual fui aprovado. A experiência adquirida nas práticas de conjunto, festivais e aulas do Projeto Vale Música foram decisivas e indispensáveis para tal conquista.

Quais as principais apresentações de que você se lembra no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo ou no exterior?

No Espírito Santo, participei do concerto de Trilhas de Filmes, do concerto em homenagem a Milton Nascimento, da homenagem a Ivan Lins, do concerto de samba-rock com o Kalifa, dos concertos dedicados a Elis Regina e Djavan, das apresentações de música erudita, dos Concertos Didáticos, entre outros. Fora do estado, participei do Festival de Bandas em Minas Gerais e, em 2019, do intercâmbio artístico com a Orquestra Sinfônica Brasileira, que incluiu apresentações no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida? Você se lembra de outros ex-alunos que tiveram suas vidas transformadas por meio do Projeto Vale Música, independentemente de terem seguido a carreira musical?

O Vale Música foi um divisor de águas na minha vida. Sem o Projeto, eu não teria a oportunidade de conhecer a música da forma como me encontrei e me realizei como pessoa e profissionalmente. Conheço dezenas de pessoas que tiveram suas vidas transformadas pelo Projeto. Mesmo que não tenham se tornado músicos profissionais, a experiência do Projeto em suas vidas foi única.

ELIAS BRITO DA SILVA



Foto: Instituto Galvão

entrevista

Formação musical e acadêmica

Estudante de Música, bacharelado em Canto

Função atual

Cantor/ Performer

O Projeto alimentou muito a minha vontade de seguir em frente, conheci pessoas incríveis, fui ajudado, vivi experiências que não viveria se não tivesse feito parte da família Vale Música, apesar dos dois anos terem passado voando. É uma fase que guardo com muito carinho na memória e vou levar pra vida toda”

Elias Brito da Silva



Elias Brito interpretou um número solo na apresentação da Vale Música Jazz Band com Gilson Peranzetta, em 2017. Foto: Mosaico Imagem

Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?

Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?

Entrei no fim de 2016, através de um amigo que já fazia parte do Projeto, o Deivid Magalhães.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Foi a vontade de estudar, de ter experiências em apresentações. Sempre quis seguir a carreira de músico. Ser um grande cantor sempre foi um sonho de vida, porém, nunca tive oportunidade de estudar música mais a fundo, e muita coisa que aprendi foi de forma autodidata, na curiosidade e vontade.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música? Há algum músico na família que o tenha influenciado na sua opção pela carreira musical ou essa decisão foi exclusivamente sua?

Morava no município da Serra, onde ainda moro. Essa coisa de ser artista sempre foi algo muito particular; a família nunca acreditou muito, mas também nunca atrapalhou em nada. Eu me inspirei no meu irmão mais velho, que levou a música pra dentro de casa por meio de um violão, coisa de muitos anos atrás.

O que o estudo musical representou para um adolescente como você naquele momento?

Ah, pra mim, foi tudo! A visão se abriu e me fez enxergar muitas possibilidades como músico, como criador e artista. Foi através do estudo que passei no vestibular e entrei na faculdade de música.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até a formação profissional em música.

Bom, digamos que ainda estou nesse processo. Saí do Vale Música no ano passado porque entrei na faculdade. No Vale Música, eu evoluí na parte teórica, tive experiências no canto em coral, fazendo apresentações em alguns municípios do Espírito Santo, tive experiências de palco, fazendo solos em al-

guns projetos de performance do programa. Experiências que me ajudaram a melhorar como cantor e performer.

Como você chegou até o *The Voice Brasil*? O Vale Música o incentivou a se inscrever no programa?

Eu já queria muito participar do *The Voice*, já tinha feito a inscrição dois anos antes de entrar no Vale Música. Mas, em 2017, o programa teve tudo a ver! Eles entraram em contato com o Projeto pedindo indicações para a temporada de 2017. A equipe fez os vídeos para vários alunos que tinham interesse em participar, eu estava no meio e tive a honra de ser escolhido.

Quais as principais apresentações de que você se lembra no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo ou no exterior?

Dentre muitas, tenho duas em especial: o concerto "Vale Música in Rock", em dezembro de 2017, com teatro lotado, grandes convidados, energia lá em cima, e também o último concerto que fiz antes de sair, que foi o "Viva Tim Maia", um tributo lindo em homenagem a esse cantor incrível que foi o Tim. Esse foi especial porque senti um gostinho de despedida, uma coisa bem particular... Foi incrível, mais uma vez o teatro lotado, a Banda Sinfônica Vale Música, amigos e solistas do coral, todo mundo a caráter dos anos 70, com muita cor, muita luz, energia linda e única. Foi uma noite memorável.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida? Você se lembra de outros ex-alunos que tiveram suas vidas transformadas por meio do Projeto, independentemente de terem seguido a carreira musical?

Com certeza! O Projeto alimentou muito a minha vontade de seguir em frente, conheci pessoas incríveis, fui ajudado, vivi experiências que não viveria se não tivesse feito parte da família Vale Música, apesar dos dois anos terem passado voando. É uma fase que guardo com muito carinho na memória e vou levar pra vida toda.

FLAVIO HENRIQUE DA SILVA RIBEIRO



Foto: Thuanny Louzada

entrevista

Formação musical e acadêmica

Cursando bacharelado em Música Erudita com habilitação em Violino

Função atual

Estudante universitário

O Vale Música representou um novo mundo, uma nova experiência. As vivências musicais que tive naquela época no Projeto foram incríveis, me lembro de muitos momentos bons. Ficava contando os minutos para sair da escola e ir para o Projeto viver aquelas experiências maravilhosas”

Flavio Henrique da Silva Ribeiro

**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

Conheci o Projeto Vale Música há aproximadamente 13 anos, por meio da ex-coordenadora Adriana Dutra, que participava da mesma igreja que minha família e eu. Meus pais e ela eram bem próximos, pois participavam do mesmo grupo musical, Dom Maior. Sabendo da minha afinidade com música desde pequeno, ela informou aos meus pais que haveria um processo seletivo para o Projeto que ela iria coordenar, e que seria legal eu participar, pois poderia desenvolver minha aptidão. Após o convite, meus pais me inscreveram, participei do processo seletivo e fui aprovado. Entrei no Projeto Vale Música em 2008, com oito anos de idade.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

A música sempre esteve presente na minha vida. Meu pai é músico e minha mãe sempre cantou muito bem, e o contato musical que tive quando era criança ajudou a desenvolver minhas habilidades musicais. Como eu tinha muita facilidade para aprender, eles decidiram me inscrever no Projeto, e eu adorei a ideia. Eu não sonhava em ser músico profissional na época, apenas gostava das experiências que tinha com a música. O sonho veio com o decorrer dos anos.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música?

Minha família e eu morávamos no mesmo bairro onde funcionava o Projeto, em Novo Horizonte, Serra (ES). Essa proximidade facilitou bastante. Meus pais sempre me apoiaram em tudo o que fiz, sou grato por isso. Foi um fator determinante na minha escolha profissional.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

Representou um novo mundo, uma nova experiência. As vivências musicais que tive naquela época no Projeto foram incríveis, me lembro de muitos momentos bons. Ficava contando os minutos para sair da escola e ir para o Projeto viver aquelas experiências maravilhosas.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde o tempo em que entrou no Projeto até o momento atual. De quais grupos participa atualmente e em quais funções?

Iniciei nas aulas de musicalização infantil. Assim que entrei, em 2008, comecei tocando flauta doce. No ano seguinte, chegaram os instrumentos de cordas friccionadas, e logo escolhi o violino; depois que tive contato com o violino, não me separei mais dele. Fiz aulas de teoria e percepção, cantei no coral,

participei dos grupos de cordas e de muitas outras atividades musicais que o Projeto promoveu. Minha evolução musical e pessoal foi muito grande ao longo desses anos. Atualmente, participo da Camerata Jovem Vale Música e da Orquestra Jovem Vale Música, como spalla.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música?

Vivi muitos momentos inesquecíveis no Projeto, mas os mais marcantes foram os concertos em homenagem ao Milton Nascimento, Ivan Lins e Roberto Menescal, também os festivais em Domingos Martins, as residências artísticas na Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), o concerto em parceria com o Ricardo Herz e Pedro Ito, além da minha primeira apresentação de violino no CAIC e o musical da Ratinha Bailarina no Ginásio Álvares Cabral.

E quais as maiores dificuldades que você enfrentou para dar sequência à sua formação musical?

Tive e tenho muitas dificuldades para seguir na minha formação musical. Uma delas foi a de nunca deixar a chama do amor pela música e pelo fazer musical se apagar, e estar sempre alimentando essa chama com bons combustíveis; nunca deixar de acreditar no poder transformador da música e da cultura. Para mim, essa foi e ainda é a minha maior dificuldade. Todas as outras coisas vêm como consequência desse amor.

Pode-se afirmar que o Vale Música ajudou a transformar sua vida? Em que sentido?

Posso afirmar com toda certeza e com todas as letras que o Projeto transformou a minha vida. Através do Vale Música, pude conhecer pessoas brilhantes e viver experiências maravilhosas, que me ajudaram a ser quem eu sou. Iniciei minha formação musical aos oito anos de idade no Vale Música e, desde então, nunca consegui me desvincular totalmente do Projeto. Passei algum tempo fora, mas sempre sinto que ainda posso fazer algo por ele e ele por mim. Se algum dia eu não puder mais continuar no Projeto, irei carregar comigo todas as histórias que vivi e a gratidão pela troca de experiências que tive durante todos esses anos que passei nele.

SAMUEL NASCIMENTO GOMES



Foto: Thuanny Louzada

entrevista

Formação musical e acadêmica

Estudante de bateria e percussão do Vale Música

Função atual

Baterista da Banda Sinfônica Vale Música, da banda

Um Quarto de Jazz e da cantora Aline Souza

Professor de bateria e músico freelancer

Com um ano, minha mãe percebeu que, apesar de bem novo, eu já amava a música e me presenteou com um violão. Um tempo depois comecei a fazer aulas particulares e, anos depois a escola onde eu fazia aula fechou. Foi aí que recebi o convite para participar do Vale Música. No início era apenas por diversão, algo que eu gostava de fazer e ouvir”

Samuel Nascimento Gomes

**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

Entrei para o Projeto através de um convite da ex-diretora Adriana Dutra.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Com um ano, minha mãe percebeu que, apesar de bem novo, eu já amava a música e me presenteou com um violão. Um tempo depois, comecei a fazer aulas particulares e, anos depois, a escola onde eu fazia aula fechou. Foi aí que recebi o convite para participar do Vale Música. No início, era apenas por diversão, algo que eu gostava de fazer e ouvir.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música?

Na época morava em Novo Horizonte, na Serra. No início, tive incentivo da família, sim.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

Representou algo que a escola não mostrava, um estilo de vida diferente, uma profissão difícil e à qual ninguém havia me apresentado.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde o tempo em que entrou no Projeto até o momento atual. De quais grupos participa atualmente e em quais funções?

Quando entrei para o Vale Música, como toda criança na época, aprendi a tocar flauta doce. Eles ainda não tinham aulas de bateria, então, passei para o violino e, depois, para a percussão. Fiquei estudando percussão durante um tempo, enquanto não chegava a bateria. Quando a bateria chegou, passei a fazer aulas com o Rodrigo Svensson. Na época, o Vale Música só tinha Orquestra, Coral e Banda Sinfônica, então, eu estudava mais percussão erudita do que bateria. Por isso, a evolução no meu instrumento não foi tão grande. Em 2013, com a mudança do local do Vale Música para um espaço maior, comecei a fazer aulas com o Eduardo Pirajá. Como ele é professor de bateria, a minha evolução foi bem maior. Com a chegada do maestro Eduardo Lucas, o repertório da Banda Sinfônica exigiu o uso da bateria e logo teve a criação da Jazz Band, um novo grupo, com um repertório popular e no qual a atuação da bateria é maior. Atualmente, faço parte da Banda Sinfônica Vale Música.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música?

Uma das apresentações mais marcantes foi a do Concerto de 15 anos do Vale Música, com a Banda Sinfônica Vale Música e o tema “Trilha Sonora de Filmes”, em que fiz meu primeiro solo de bateria. Outro concerto que me marcou foi em Minas Ge-

rais. A caminho do concerto, tive a notícia de que meu avô havia falecido e eu tinha um solo neste espetáculo. Participei do Festival Internacional de Bandas em Minas Gerais e também da Residência Artística com a OSB no Rio de Janeiro.

E quais as maiores dificuldades que você enfrentou para dar sequência sua formação musical?

No começo, uma das maiores dificuldades era não ter o instrumento em casa, assim como conciliar os estudos entre escola e música, a distância e o apoio familiar.

Pode-se afirmar que o Vale Música ajudou a transformar sua vida? Em que sentido?

Sim, o Vale Música me entregou e entrega tudo o que é preciso para ser um profissional da música, com todo o suporte que eu não conseguiria por não ter condições de fazer aulas particulares, além de me proporcionar momentos, concertos e viagens inesquecíveis. O Vale Música também ajudou na minha formação como pessoa.

KATT KESLEY SANTOS SILVA DE JESUS



Foto: Thuanny Louzada

entrevista

Formação musical e acadêmica

Estudante

Função atual

Integrante do Coral Jovem Vale Música, Banda Sinfônica Vale Música e aluna de clarinete

Cresci muito com o Vale Música, em todos os aspectos, como pessoa, como uma futura profissional, aprendi valores e coisas que vou levar para a vida toda. Sou eternamente grata por tudo que vivi dentro do Vale Música, pelos momentos incríveis, os concertos esplêndidos e emocionantes de que nunca imaginei participar. Como sempre falo: 'O Vale Música é a minha segunda família!!'

Katt Kesley Santos Silva

**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

Entrei no Vale Música por volta de 2010, 2011; tinha nove anos e fiquei sabendo da existência do Projeto por uma amiga da família. Fiz a audição e passei.

O que a levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical?

Não. Tinha interesse em aprender a cantar e a tocar.

Onde você morava na época? Sua família a incentivou a estudar música?

Morava bem perto do Projeto, a cerca de uma quadra. Sim, tive incentivo da família, principalmente da minha mãe.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

No meu caso, tudo era novo, então, isso me motivou a querer ainda mais. Eu gostava muito de aprender coisas novas, coisas sobre as quais eu não teria tanto interesse assim se não fosse pelo Projeto.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos em que começou no Projeto até o momento atual.

De quais grupos participa atualmente e em quais funções?

Aprendi muito com o Vale Música. Evolui tanto na música quanto como pessoa. Conheci gente que não cogitava um dia conhecer e sou eternamente grata por isso. Hoje, participo como soprano no Coral Jovem e toco primeiro clarinete na Banda Sinfônica.

Quais os momentos mais emocionantes que você vivenciou no Projeto Vale Música?

Os concertos mais emocionantes de que participei foram com o Ivan Lins, o concerto em homenagem a Elis Regina e a homenagem ao Tim Maia. Também participei de um encontro de corais e bandas em Minas Gerais.

Pode-se afirmar que o Vale Música ajudou a transformar sua vida? Em que sentido?

Com certeza. Cresci muito com o Vale Música, em todos os aspectos, como pessoa, como uma futura profissional, aprendi valores e coisas que vou levar para minha vida toda. Sou eternamente grata por tudo que vivi dentro do Vale Música, pelos momentos incríveis, os concertos esplêndidos e emocionantes de que nunca imaginei participar. Por conta disso, posso dizer que sou uma pessoa melhor. O Vale Música me deu responsabilidades que tão cedo achei que não teria. Criei laços lá dentro e, independentemente do caminho que irei trilhar, vou sempre levar comigo. Como sempre falo: “O Vale Música é a minha segunda família!!”.

AILTON SILVA DOS SANTOS JUNIOR



Foto: Thuanny Louzada

entrevista

Formação musical e acadêmica

Licenciatura em Música (cursando)

Função atual

Aluno/Professor estagiário

O estudo musical me mostrou esperança, oportunidade. A comunidade e as pessoas criavam o meu destino por elas mesmas: pelo local no qual eu morava, por quem eu era, pela cor que eu tenho e isso ficava na minha mente. Quando entrei no Projeto e comecei a estudar, a conhecer outras pessoas iguais a mim - e que tiveram suas vidas transformadas também -, tive a certeza de que não precisaria ter o mesmo destino que muitos amigos meus tiveram”

Ailton Silva dos Santos Junior

**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

Conheci o Projeto através de um colega do ensino médio que faz parte do Vale Música, o Leonardo Rodrigues, que toca contrabaixo acústico. Estudávamos na mesma escola e eu sempre o via caminhando pela rua e pegando o ônibus com a blusa do Projeto Vale Música. Eu já tocava nos projetos das escolas em que estudei, como o Projeto Mais Educação, e em algumas bandas marciais em Cariacica. Já tinha uma vivência com música. Um dia, eu abordei esse colega e perguntei qual era o nome do Projeto e onde eram realizadas as aulas. Ele falou sobre o Vale Música e disse que as aulas eram ministradas em Cidade Continental (Serra). Lembrei que o Eduardo Lucas (maestro) foi meu professor de trompete no Projeto Mais Educação e que ele tinha se desligado do Projeto justamente para assumir o Vale Música. Por isso, perguntei quem era o professor de trompete. E o Leonardo me respondeu que era o Eduardo. Fiquei muito feliz e pedi para que ele mandasse um abraço para o Eduardo. Depois de um tempo, recebi uma mensagem do Eduardo Lucas pelo *Facebook*, perguntando como eu estava e se eu ainda tocava. Respondi que tocava de vez em quando nas bandas marciais das escolas. Ele me convidou para conhecer o Vale Música. Fui num sábado, que é o dia do ensaio da Banda Sinfônica, e levei um choque. Tinha uma sala cheia de alunos numa formação de Banda Sinfônica, algo que, para mim, era distinto. Isso tudo aconteceu em 2015 e eu tinha 18 anos. Comparado à maioria dos alunos, eu já tinha uma idade bem avançada, pois a média de idade é de 14 e 15 anos.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

O que me levou a ingressar no Projeto foi o convite do maestro Eduardo Lucas, que foi meu primeiro professor de trompete em outro projeto social de que participei no ensino fundamental. Tive outros professores, mas eram professores de música em geral, não eram de instrumento. Acabei criando um vínculo de aluno e professor muito forte com o Eduardo. Então, o convite dele para mim foi bem especial. Eu nem pensei duas vezes, só aceitei e entrei no Projeto Vale Música. As primeiras aulas foram um choque positivo pela estrutura, metodologia de ensino e a rotina que eles tinham. Isso foi outro aspecto que me fez ficar no Projeto definitivamente. Eu já sonhava em ser músico profissional, mas na minha cabeça era impossível. Como uma pessoa de baixa renda, que mora em um bairro de risco, vai conseguir ser músico? Minha referência era a história dos meus pais, que estudaram para trabalhar no primeiro emprego que eles conseguissem. Não tinham uma perspectiva de emprego, de vida, de sonhos. Então, isso acabou refletindo nos filhos e em mim também. Mas o Projeto me fez mudar totalmente de ideia. Lá vi que poderia seguir os meus sonhos, me tornar um músico, um profissional da arte, e que para isso, bastava me dedicar, me esforçar e ter uma orientação.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música?

Morei praticamente a minha vida inteira no bairro Feu Rosa, na Serra. Porém, quando os meus pais se separaram, a minha mãe foi morar no município de Cariacica e meu pai permaneceu aqui em Feu Rosa. Algum tempo depois, fui morar com a minha mãe em Cariacica e foi nesse tempo que ingressei no Vale Música. Todos os dias, eu fazia o trajeto Cariacica x Serra. No início, minha família via a música como um hobby para mim. Era uma atividade para passar o tempo, porque o meu bairro tinha um alto índice de criminalidade de adolescentes e jovens, e eles tinham muito medo de que eu me envolvesse com coisas erradas. Por esse motivo, eles me colocaram no Projeto Mais Educação. Com o passar do tempo, eles viram que minha relação com a música foi ficando mais séria e que eu estava muito envolvido. Eles sempre conversavam que eu precisava arrumar um emprego fixo, que a música não iria me render um salário, que era só um hobby, que eu não deveria colocar todo meu tempo nisso, e nós discutíamos bastante por causa disso. Eu já tinha uns 18 anos, e é nessa faixa etária que as pessoas começam a trabalhar. Eles ficavam com o receio de que eu estivesse desperdiçando o meu tempo, mas eu sempre lutei pelos meus objetivos. Eu ia contra o pensamento deles, sempre com respeito; nunca faltei com respeito. Falava que era possível, sim, ter um emprego na música e que eu estava estudando, estava focado e que tinha pessoas qualificadas me orientando. Com o passar do tempo, eles viram que eu realmente estava estudando bastante, que era um sonho, que eu não queria largar. E, hoje, não me lembro da última vez que eles falaram comigo sobre eu desistir da música e procurar outro emprego.

Há algum músico na família que o tenha influenciado na sua opção pela carreira musical ou essa decisão foi exclusivamente sua?

A minha mãe comentava que o avô dela gostava muito de tocar acordeom, mas não o conheci. Não sei se existe algum outro membro da família músico. Creio que uma influência indireta muito forte foi o meu pai. Lembro que a gente assistia bastante ao filme “Dois Filhos de Francisco”, da dupla Zezé Di Camargo e Luciano. Gosto muito desse filme, que conta a história da carreira deles. Em um desses dias, assistindo ao filme com o meu pai, quando acabou o filme, ele falou para eu ir até o quintal, pois ali tinha um presente para mim. Fui até lá e tinha um violão bem velhinho... Não tinha nem corda, mas fiquei muito feliz. Ele comprou o encordoamento, ajeitou o violão e, nesse dia, senti alguma coisa pela música. Meu primeiro instrumento foi aquele violão. Essa foi uma influência até eu iniciar meus estudos no Projeto, ingressar na faculdade e decidir estudar música seriamente com o objetivo de me tornar um profissional.

O que o estudo musical representou para um adolescente como você naquele momento?

O estudo musical me mostrou esperança, oportunidade. Pude ver que não precisava ser o que a sociedade achava que eu iria ser. Eu já vi pessoas falarem para minha mãe que eu não chegaria aos 18 anos. A comunidade e as pessoas criavam o meu destino por elas mesmas: pelo local no qual eu morava, por quem eu era,

pela cor que eu tenho e isso ficava na minha mente. Quando entrei no Projeto e comecei a estudar, a conhecer outras pessoas iguais a mim – e que tiveram suas vidas transformadas também –, tive a certeza de que não precisaria ter o mesmo destino de muitos amigos meus. Muitos faleceram, outros estão presos, ou tiveram sequelas por algum tipo de acidente criminal. Oportunidade e poder de escolha seriam as palavras que melhor definiriam o que a música me deu.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo?

Algumas datas marcaram bastante a minha vida: uma delas foi o concerto em homenagem aos 100 anos do samba, em 2016. Foi uma das minhas primeiras participações e isso ficou bem marcado na minha vida. Foi um concerto lindíssimo pelos arranjos, por causa da bateria de escola de samba tocando com a gente, e **teve** outro grupo também, **teve** o Raimundo Machado tocando cavaquinho, o Léo de Paula e o Pequê Santos na percussão. Foi um concerto em que fiquei muito emocionado. Outro momento, também em 2016, foi no Festival de Inverno de Domingos Martins. Foi a minha primeira vez num festival de música. Fiquei uma semana inteira estudando música, uma coisa que eu gosto, o que me fez esquecer de todo o resto. Foi algo surreal. Lembro que, naquele ano, o Festival corria o risco de não acontecer. Foram realizadas apenas duas oficinas, que foram a Prática de Orquestra, com o maestro da Oses, Helder Trefzger, e Prática de Big

Band, com o trombonista Rafael Rocha. Fiquei espantado com o nível de musicalidade que ele trouxe para os arranjos e para suas músicas. Fiquei muito animado, e, ver outras pessoas mais velhas e mais novas, com outras experiências musicais, foi muito interessante.

Outro momento foi o concerto em homenagem a Roberto Menescal, e o Vale Música o trouxe para participar. Foi a coisa mais linda que já vi: era o Roberto, a Orquestra Sinfônica do Projeto e o Coral Jovem Vale Música. Foi magnífico! Eu não me apresentei, mas assisti bem de perto porque estava na organização e assisti atrás da cortina.

Teve também um projeto que o Vale Música me ajudou a desenvolver através da Júlia Sodré, do Eduardo Lucas e de várias outras pessoas envolvidas. Sempre tive o sonho de voltar em todas as escolas em que estudei no ensino fundamental e dos projetos sociais para fazer uma apresentação didática para os alunos, para mostrar o que aconteceu comigo. Eu não tinha noção de como iria fazer isso, mas tive todo o suporte do Vale Música e consegui desenvolver esse projeto, que foi aprovado pela Secult. Foi um sonho realizado e fiquei muito feliz. Em 2018, ingressei na faculdade, no curso superior de Licenciatura em Música. Era algo que eu não achava que seria capaz, mas consegui.

No ano passado, participei de dois concertos maravilhosos promovidos pelo Vale Música, por meio de um projeto de intercâmbio com a OSB (Orquestra Sinfônica Brasileira), no Rio de Janeiro. Nós fomos para lá e ensaiamos por uma semana com eles. No final, fizemos um concerto no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Foi lindo, maravilhoso, tocamos obras perfeitas, co-

nhecemos algumas de nossas referências. Poder tocar em uma Orquestra foi maravilhoso.

**Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida?
Em que sentido?**

O Projeto Vale Música acrescentou 100% na minha vida, tanto pessoal quanto profissional. Logo que entrei, em 2015, eu não tinha absolutamente nenhuma perspectiva de vida – tanto profissional quanto pessoal. Até brinco com os amigos que, naquela época, eu apenas existia. Tinha interrompido o ensino médio, não trabalhava e não fazia absolutamente nada. O Projeto mudou isso em mim. Para continuar participando do Projeto, eu precisava estar estudando regularmente. Voltei a estudar e concluí o ensino médio, o que foi bem difícil. Foi uma época muito conturbada da minha vida, e pensei várias vezes em desistir, mas sempre me lembrava dos motivos que eu tinha para continuar. Então, fui me qualificando, participando de festivais, o Projeto me proporcionou contato com vários artistas. Hoje sou uma pessoa que sabe conversar, sei o que quero, sei o que eu posso e o que não posso fazer, sei o que preciso fazer para chegar aos meus objetivos. Tenho certeza de que o Ailton de hoje existe graças ao Vale Música, graças às pessoas que estão lá e que colaboraram muito comigo. Só tenho a agradecer a Deus, ao Projeto e às pessoas que puderam colaborar com o meu crescimento pessoal e profissional.

SAMUEL WALLACE BARBOSA DE SOUZA



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Licenciando em Música (1º período)

Função atual

Estudante

Tive diversos momentos emocionantes, mas fiquei muito emocionado quando fiz meu primeiro solo com o Coral, em 2015, e quando cantei para Ivan Lins, em 2016. Minha primeira viagem para fora do estado foi com o Vale Música, para Minas Gerais. Foi muito divertido, viajamos de trem, fomos ao Inhotim e fizemos uma apresentação na frente do Museu Tecnológico da Vale, onde fiz um solo e foi muito incrível”

Samuel Wallace Barbosa de Souza

**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

O Projeto Vale Música entrou na minha vida quando eu tinha 12 anos, em setembro de 2013. Moro perto do Vale Música, então, quando abriram as inscrições para o Projeto, os bairros da redondeza ficaram sabendo.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Antes de entrar para o Projeto, fui aluno da Estação Conhecimento, onde fiz natação. Entretanto, desenvolvi uma alergia ao cloro, ficando sempre doente. Por orientação médica não pude mais continuar na natação. Fiquei muito triste. No mesmo dia, a funcionária que fechou minha matrícula conversou com minha mãe e apresentou a ela o Vale Música, dizendo que as inscrições estavam abertas, mas eu não queria fazer mais nada, rejeitando qualquer proposta. Alguns dias depois, eu ainda estava emburrado com minha mãe e ela ainda brigou comigo dizendo que ia me inscrever no projeto e que era para eu escolher um instrumento entre a flauta e o violino. Acabei escolhendo o violino porque minha vizinha também iria fazer.

Sempre tive o sonho de aprender teclado, fiz algumas aulas na igreja, mas não aprendi nada. Depois fiz aulas particulares com um professor amador e também desenvolvi pouquíssimas coisas. Já tinha desistido de tocar, achava que nunca iria aprender a tocar algum instrumento e nunca pensei que a música seria uma profissão.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música?

Eu morava e ainda moro no mesmo bairro onde se localiza o Projeto, em Cidade Continental, na Serra. Minha família sempre me incentivou a participar do Projeto. Meu padrasto sempre dizia: “Ele vai ser músico”.

Há algum músico na família que o tenha influenciado na sua opção pela carreira musical ou essa decisão foi exclusivamente sua?

Não tem nenhum músico na família, mas o meu desejo de tocar piano sempre foi por causa da minha tia, que tocava na igreja e era responsável pelo louvor.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

Naquela época, minha mãe, que era mãe solteira, trabalhava o dia todo e tinha muito medo de que eu ficasse na rua. Então, ela queria que eu desenvolvesse alguma atividade após a aula. Para mim, o Vale Música naquela época era divertido. Nunca pensei que poderia ser um profissional da música. Eu era muito tímido, e o Projeto me ajudou bastante nessa questão.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até o momento atual. De quais grupos participa atualmente no Projeto e em quais funções?

Entrei no Vale Música em 2013, sem saber tocar nada de violino. Então, eu achava as aulas muito chatas. Quando entrei para o coral, descobri minha grande paixão, o canto. Cantei no coral com voz infantil e fizemos um concerto em homenagem ao Milton Nascimento, com a presença dele. Em 2014, continuei estudando violino, mas já estava desanimando. Fiquei uns dois meses sem ir ao Projeto e perdi várias apresentações da Copa. No final de 2014, cantamos um repertório erudito e o Projeto chamou uma soprano para cantar alguns solos, a Natália Hubner. Ela fez um bate-papo com os alunos e lembro de ter perguntado a ela: “Na música tem muito matemática?” – e depois fiquei muito sem graça, porque achei a pergunta muito boba. No primeiro semestre de 2015, fiz meu primeiro solo, no concerto “Trilhas Sonoras de Filmes”, no qual cantei “Hallelujah”, do filme “Shrek”. No final do ano, cantei “Voa”, em um concerto dedicado a Ivan Lins. Em 2016, mudei de instrumento, passando a estudar viola de arco. No mesmo ano, o Coral viajou para Minas Gerais, onde também fiz o solo de “Hallelujah”. O concerto foi transmitido num canal de televisão e minha família viu e ficou muito feliz. No final de 2017, tivemos uma apresentação de Natal, o “Natal Iluminado”, onde fiz o solo e toquei viola com a orquestra. Nesse concerto também se apresentou o Lício Bruno, que seria meu atual professor de canto. Em 2018, surgiu em mim um interesse muito grande em estudar canto com um professor e comecei a fazer aulas particulares com a Natália Hubner. Quando ela me ouviu cantar, disse que eu tinha muito talento e um timbre muito bonito. Seis meses depois, ela se mudou para São Paulo e me passou para o professor dela. Esse

professor me ouviu e me convidou para participar de um festival de canto na Bahia, onde ele iria dar aula. Nesse festival, teve um concurso de canto, e acabei ganhando o segundo lugar. Nesse mesmo tempo, aprendi a tocar violoncelo em um projeto da escola onde eu ganhava uma bolsa. Em 2019, saí do Coral e entrei para a Banda Sinfônica e para a Orquestra tocando violoncelo; toquei em vários concertos e viajei para Ouro Preto com a Banda, foram momentos incríveis.

Continuei estudando canto erudito com o baixo-barítono Lício Bruno e fiz o meu primeiro recital em setembro de 2019. Em 2020, entrei na Faculdade de Música do Estado do Espírito Santo, no curso de licenciatura, e, atualmente, estou estudando dois protagonistas de ópera para cantar em 2021. Estou num ópera studio, estudando a ópera "A Flauta Mágica", de Mozart, e também fui convidado pelo meu professor para fazer uma montagem inédita da ópera "Serafim e o lugar onde nunca se morre", do compositor carioca Guilherme Bernstein, ambos projetos selecionados no Edital de Cultura da Secult.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música?

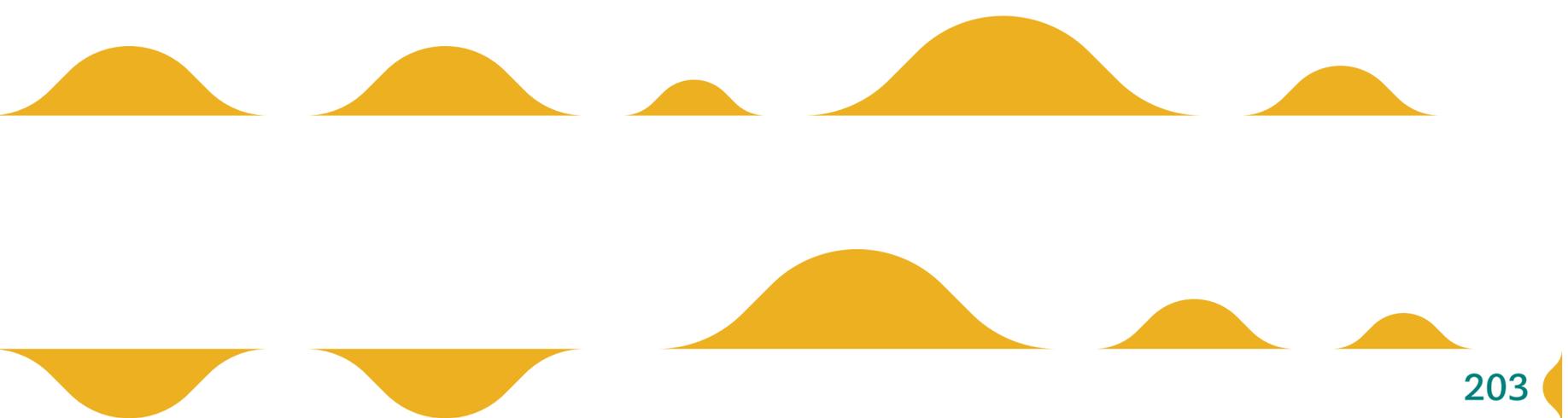
Tive diversos momentos muito emocionantes, mas fiquei muito emocionado quando fiz meu primeiro solo com o Coral, em 2015, e quando cantei para Ivan Lins, em 2016. Minha primeira viagem para fora do estado foi com o Vale Música, para Minas Gerais. Foi muito divertido, viajamos de trem, fomos ao Inhotim e fizemos uma apresentação na frente do Museu Tecnológico da Vale, onde fiz um solo e foi muito incrível.

E quais as maiores dificuldades que você enfrentou para dar sequência à sua formação musical?

A minha maior dificuldade foi comigo mesmo. Sempre fui muito inseguro e indeciso, demorei muito para perceber que eu tinha um chamado para música e que eu amava fazer aquilo, levar uma mensagem.

Pode-se afirmar que o Vale Música ajudou a transformar sua vida? Em que sentido?

Sem o Vale Música, eu não sei se estaria tão feliz e realizado como estou hoje. O Projeto me mostrou que, com muito esforço e dedicação, nós podemos realizar os nossos sonhos e transformar a vida das pessoas. Por mais que eu não toque nada profissionalmente, ter o contato com diversos instrumentos me fez crescer muito, acrescentando muito para minha musicalidade. O Vale Música transformou a minha vida e tenho muito orgulho de participar de um projeto tão responsável, não só por abrir o caminho para a música, mas também por formar cidadãos dignos em uma sociedade tão problemática.



INGRIDE MIRANDA DA SILVA NARCISO



Além de solista do Coral Jovem Vale Música, Ingrid Miranda fez o papel de mestre de cerimônias no concerto "Canta Raul", no Teatro da Ufes, em novembro de 2019. Foto: Alessandro Reis

Formação musical e acadêmica

Técnica em Segurança do Trabalho. Cursos superiores em andamento: Música (3º período) e Psicologia (6º período)

Função atual

Estudante. Aluna do Vale Música

Eu nunca vou me esquecer dessa data: 09/08/2018. Eu já estava muito feliz porque tinha passado em primeiro lugar num vestibular de Psicologia, então, achava que meu dia não poderia ficar melhor. Foi quando recebemos a lista dos cantores aprovados para o concerto em homenagem ao Tim Maia. Quando vi que meu nome estava nela, caí em lágrimas. Lembro que eu mostrava para minha mãe e falava: “Olha, é o meu nome, mãe, o meu nome. Eu vou cantar!”. E a partir daquilo eu cresci bastante, tanto na música quanto como pessoa”

Ingride Miranda da Silva Narciso

**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

Conheci o Vale Música através de amigos. Entrei no Projeto em 2011, com 10 anos, quando ainda funcionava em Novo Horizonte, com a coordenação da Adriana Dutra. Porém, acabei saindo por motivos pessoais e retornei no segundo semestre de 2013, na Estação Conhecimento.

O que a levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser música profissionalmente?

O que me motivou foi a oportunidade de adquirir conhecimento sobre teoria musical e de aprender um instrumento novo, além da felicidade com que os meus amigos falavam sobre o projeto. Eu já tocava violão e teclado na igreja em que congregava, mas somente as músicas de lá, e não tinha muito conhecimento teórico. A música, para mim, era apenas um *hobby*, não enxergava como uma profissão. Felizmente, o Vale Música mudou minha visão quanto a isso e me ajudou a construir mais um sonho.

Onde você morava na época? Sua família a incentivou a estudar música?

Morava e continuo morando em Novo Horizonte, na Serra. Meus pais me incentivaram a entrar no projeto e, como eu era bem nova, sempre me acompanhavam. Em relação à música como profissão, meu sonho é que a visão da sociedade mude em relação a isso e que não haja mais preconceito. Eles nunca me proibiram, mas no

início, tinham medo e diziam que eu deveria procurar uma “profissão fixa” e ter a música em segundo plano. Mas, com as apresentações do Vale Música, principalmente da Banda Sinfônica, a visão deles foi mudando. Minha mãe passou a me apoiar e, depois da minha primeira apresentação como solista na banda, em dezembro de 2018, meu pai disse que eu devia fazer faculdade de Música. Aquilo foi muito importante para mim, porque eu esperava muito por um sinal de aprovação dele. Se não me engano, as provas já tinham acontecido e eu tinha feito, mas, alguns dias depois, o resultado saiu e fui aprovada no vestibular da Fames. Fiquei muito feliz.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

Estudar música fez com que eu me encontrasse e tivesse mais disciplina e dedicação, o que foi se tornando cada vez mais sério.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluna até o momento atual. De quais grupos participa atualmente no Projeto e em quais funções?

Sou aluna do Vale Música. Eu me inscrevi para tocar violino, mas acabei conhecendo lá o instrumento que eu toco atualmente, que é viola de arco. Em 2014, entrei na Orquestra, grupo de que ainda participo. Também entrei no Coral, e depois no Coral Experimental, um grupo selecionado, que se transformou no Coral Jovem, a sua configuração atual. Tive a experiência de cantar em quarteto e como solista no Coral e na Banda Sinfônica. Nessa trajetória

ria, precisei me afastar do projeto por dois anos, por causa de um curso da minha escola. Mas a verdade é que a música se tornou cada vez mais uma prioridade, eu me esforçava muito para estar presente. Foi nesses dois anos que percebi a importância dela na minha vida, e que não dá para me distanciar.

Quais os momentos mais emocionantes que você vivenciou no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo?

A primeira vez que toquei na Orquestra, no prédio da Petrobras, me marcou muito. Eu estava muito insegura, mas recebi bastante apoio por parte do meu professor e deu tudo certo. O nosso concerto em homenagem ao Ivan Lins foi um dos melhores. Eu toquei e cantei, e a interação dele com a gente foi incrível. Em 2015, viajei com o Vale Música para Minas Gerais e participei de muitas apresentações lá. Até hoje, me emociono ao ver a reportagem. Em julho de 2018, fui chamada para ser mestre de cerimônias do concerto da Banda Sinfônica em homenagem a Elis Regina, no Festival de Domingos Martins. Eu ainda tinha muitos problemas com timidez, então, resolvi me desafiar: se eu falasse bem nesse dia, eu me inscreveria para algum teste de canto no Vale Música, porque cantar como solista é o que eu sempre quis fazer, mas não tinha coragem. E assim foi. Eu nunca vou me esquecer dessa data: 09/08/2018. Eu já estava muito feliz porque tinha passado em primeiro lugar num vestibular de Psicologia, então, achava que meu dia não poderia ficar melhor. Foi quando recebemos a lista dos cantores aprovados para o concerto em homenagem ao Tim Maia. Quando vi que meu nome estava nela, caí em lágrima.

mas. Lembro que eu mostrava para minha mãe e falava: “Olha, é o meu nome, mãe, o meu nome. Eu vou cantar!”. E a partir daquilo eu cresci bastante, tanto na música quanto como pessoa. Superei muitas dificuldades e estive no palco de uma forma que nunca imaginei. Aquela apresentação foi um divisor de águas. Antes dela, tive a oportunidade de fazer um solo no Coral Jovem, na música “Alô, Alô, Marciano”. Seguindo a coreografia da música, o coral fazia uma roda e eu cantava no meio. Nunca me senti tão acolhida como naquele momento.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida?

Em que sentido?

Sem dúvidas. O Vale Música foi crucial na minha vida, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Eu era uma adolescente muito tímida e retraída, tinha dificuldade para me apresentar e até para conversar com outras pessoas. Com o apoio que tive do Projeto, isso foi superado. A música tem um poder incrível. No sentido profissional, encontrei o meu caminho no Vale Música, da admiração de profissões ao desejo de segui-las. Digo que sou privilegiada porque o meu caminho tem duas vias, e as duas transformam vidas: a música, que passou a ser vista como profissão de acordo com a minha trajetória no projeto, e a psicologia, com a qual tive contato no Vale Música, conversando com uma psicóloga, que também fez parte das superações. Percebi a mudança que um psicólogo provoca na vida de uma pessoa e comecei a querer fazer parte da mudança da vida de outras pessoas. Meu objetivo é transformar as duas vias em uma só. Sinceramente, não consigo imaginar como estaria minha vida agora se não tivesse passado pelo Projeto. Todos deveriam ter essa oportunidade.

HARILSON RODRIGUES DOS SANTOS JUNIOR

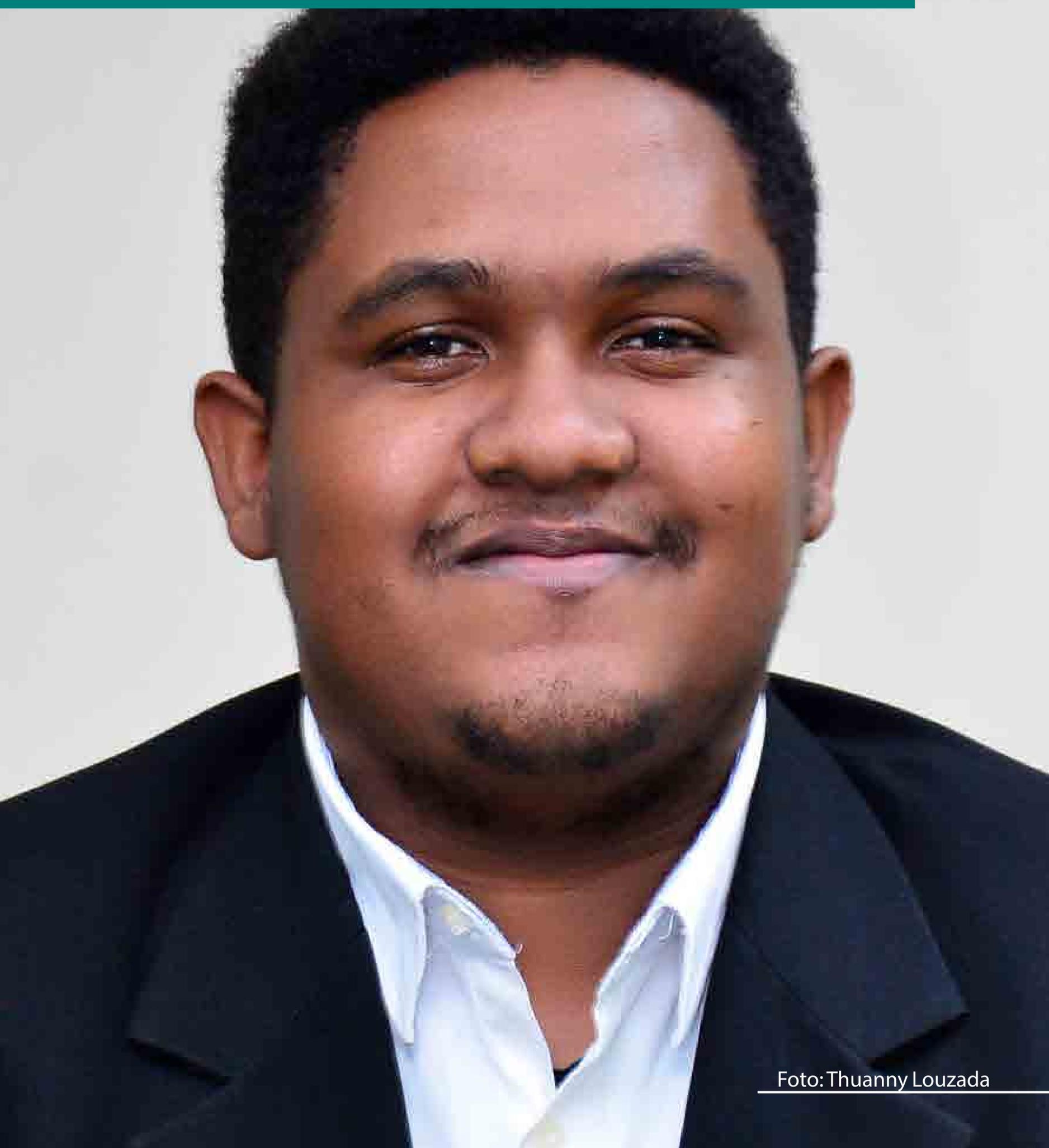


Foto: Thuanny Louzada

entrevista

Formação musical e acadêmica

Curso de Formação Musical pela Faculdade de Música do Espírito Santo/bacharelado em Música Erudita com habilitação em Trombone

Função atual

Estagiário no Programa Vale Música

Em 2019, surgiu uma vaga de estagiário de Trombone no Projeto Vale Música. Fiz minha inscrição, a entrevista e fui aprovado. Confesso que chorei bastante, pois a todo o tempo tinha passado por diversas dificuldades, mas nunca desisti e estar ali, agora, dando aula para a nova geração do Projeto foi motivo de muita alegria para mim e para minha família. Sempre ouvimos aquela frase: 'Música é profissão?' Então pude provar para a minha família que é possível, sim, sobreviver por meio da música"

Harilson Rodrigues dos Santos Junior

**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

O Projeto Vale Música entrou na minha vida no ano de 2014, quando fui indicado para participar pela maestrina da igreja, onde comecei meus primeiros passos como músico.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Sempre tive um grande interesse pela música. Quando surgiu a oportunidade de entrar no Projeto, não pensei duas vezes e me inscrevi para fazer a audição. Na época, eu tinha apenas um pequeno conhecimento musical. Desde os meus nove anos de idade, quando vi a orquestra da minha igreja tocando pela primeira vez, soube que queria aquilo para mim. É claro que eu não tinha muito a noção de que a música poderia virar o meu sustento, mas queria que ela fizesse parte da minha vida.

Onde você morava na época? A sua família o incentivou a estudar música?

Eu morava em Cariacica, no bairro Bela Vista. Minha família sempre me incentivou, principalmente a minha mãe, que sempre fez de tudo para que eu estudasse, mesmo passando por diversas dificuldades.

O que o estudo musical representou para um adolescente como você naquele momento?

Uma mudança de vida, algo que veio me transformando no decorrer do tempo, para me tornar um cidadão de bem!

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até a formação profissional em música. Qual função desenvolve atualmente?

Iniciei meus estudos no Projeto com 14 anos. Naquela época, eu sabia pouca coisa, mas sempre busquei aprender e sempre fui muito esforçado. Apesar de não ser muito talentoso, sempre quis ser o melhor naquilo que faço. O Programa me proporcionou diversos ensinamentos. Lá, tive contato com meu primeiro professor e maestro, o Eduardo Lucas, que, sem dúvida, abriu a minha mente em relação à música, me ajudou tanto intelectual quanto financeiramente, e viu um grande potencial em mim. Confesso que, na época, pensei em desistir, mas ele me ajudou a crescer. Logo depois tive contato com um professor do meu instrumento, o trombone, o professor Gutierres Guimarães, quem me ensinou muita coisa no decorrer do tempo. Ele me ensinou e me ajudou a me tornar um bom trombonista e um músico melhor.

No final de 2015, decidi fazer a prova do CFM – Curso de Formação Musical – da Fames e fui aprovado em terceiro lugar, graças ao trabalho de diversos professores do Projeto Vale Música que me prepararam, como o Gutierres Guimarães, Eduar-

do Lucas e Ludhymilla Bruzzi, entre outros. Nos anos seguintes, de 2015 a 2017, o Projeto me proporcionou a participação em diversos concertos, com grandes nomes da música, como Ivan Lins e Gilson Perazzetta.

Em 2018, decidi me preparar para fazer a prova de graduação em bacharelado em Música Erudita e me preparei pensando em todos os ensinamentos que aprendi no Projeto. É claro que tive a ajuda e o apoio de todos, inclusive da nossa coordenadora Julia Sodré, que, sem dúvida, é uma segunda mãe que o Projeto me proporcionou. Me preparei durante um ano, fiz a prova em dezembro e fui aprovado em primeiro lugar. Confesso que, sem os ensinamentos do Projeto, jamais teria chegado tão longe. Em 2019, surgiu uma vaga de estagiário de trombone. Fiz minha inscrição, entrevista e fui aprovado. Confesso que chorei bastante, pois tinha passado por diversas dificuldades, mas nunca desisti. Estar ali, agora, dando aula para a nova geração foi motivo de muita alegria para mim e para minha família. Sempre ouvimos aquela frase: “Música é profissão?” Então pude provar para a minha família que é possível, sim, sobreviver por meio da música.

O Projeto Vale Música mudou a vida de muitos jovens. Confesso que não cabem palavras para descrever o trabalho incrível que esse Projeto fez em minha vida; ele me mudou completamente, tanto a minha vida social quanto profissional.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo?

As aulas que tive com os professores, as apresentações que fizemos para diversas pessoas, a oportunidade de estar ali no palco e ver a galera aplaudindo o trabalho do Projeto... isso não tem preço. Todas as apresentações foram maravilhosas! Levar alegria para o público não tem preço, essa é a alegria maior. Sobre as apresentações, fizemos várias fora do Espírito Santo, como em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida? Em que sentido?

Sim, com toda a certeza! Mudou minha vida por completo. A minha realidade hoje é diferente graças ao Projeto, que mudou a minha vida e também minha mente. Estou me tornando um cidadão de bem a cada dia.

LEONARDO RODRIGUES DA COSTA MOURA



Foto: Thuanny Louzada

entrevista

Formação musical e acadêmica

Técnico em contrabaixo acústico

Função atual

Estudante



Devo ao Vale Música grande parte do que sou hoje e a pessoa que me tornei. Costumo dizer que tenho duas famílias: uma é a que me criou dentro de casa, meus pais e parentes; a outra é a que me complementou e que me deu bagagem e conteúdo, e que gentilmente chamo de Família Vale Música”

Leonardo Rodrigues da Costa Moura



**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

O Projeto Vale Música entrou na minha vida em 2013, quando eu tinha acabado de completar 14 anos, após uma breve citação de abertura de vagas na Rádio Vitória, num programa apresentado pelo radialista Eduardo Santos. Na mesma semana, meus pais foram até a Estação Conhecimento e conseguiram uma entrevista para apuração de capacidades musicais e “acuidade” motora básica (teste comum feito para se entrar em qualquer instituição de ensino musical).

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Comecei a estudar violão aos sete anos de idade com meu pai. De certa forma, ele imprimiu em mim o seu sonho de ser músico profissional. Então, quando conheci o Vale Música, eu já tinha um certo conhecimento musical, mas algo muito básico e, de certa forma, autodidata, pois meu pai não tem nenhuma formação musical.

Quando entrei no Vale Música, eu não tinha nenhuma ambição, se não a de tocar as coisas que eu gostava de ouvir. Ironicamente, na época, meu maior sonho era ser designer gráfico, pois tinha acabado de descobrir o mundo dos games e queria muito criar o meu próprio. Pesquisando na internet, descobri que a profissão de designer era a que produzia os games.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música?

Atualmente, resido no bairro Carapina Grande, na Serra, no mesmo local onde morava desde que entrei no Projeto. Cresci num ambiente muito musical e, mesmo havendo os receios comuns de um pai sobre a vida financeira, sempre fui incentivado a seguir o que falasse no coração. Sempre que possível, meus pais compõem a minha plateia e me apoiam em todas as situações.

Sou tão incentivado a seguir a carreira, que meu pai é um dos principais integrantes dela. Em grande parte dos meus shows e trabalhos realizados, é ele quem me acompanha de carro, levando o equipamento comigo. Sempre que pode, ele assiste ao show e tira fotos. No final das contas, a minha carreira se tornou um objetivo familiar.

Há algum músico na família que o tenha influenciado na sua opção pela carreira musical ou essa decisão foi exclusivamente sua?

Venho de uma família muito musical, posso até dizer que com grande vocação para a arte. Meu pai toca alguns instrumentos, alguns deles há mais de 30 anos, e já chegou a dar aulas de musicalização básica. Mesmo não sendo um músico profissional, ele foi e até hoje é uma das minhas grandes referências, junto com a minha mãe, que, desde bem jovem, canta muito bem. Chegou até a ganhar alguns concursos amadores de canto em

igrejas e em festivais da Grande Vitória.

Vale ressaltar, sobre a presença da arte na minha família, que tenho uma irmã um ano mais nova, que também fez parte do Vale Música, e que, atualmente, estuda artes plásticas de forma autodidata e se aplicou para a faculdade.

Por esses motivos, é inegável que a escolha de ser músico não foi apenas minha. Costumo dizer que, desde muito cedo, fui guiado para esse caminho, como se meus pais tivessem me carregado de certa forma até aqui.

O que o estudo musical representou para um adolescente como você naquele momento?

Quando entrei no Vale Música, não tinha um caminho definido do que realmente gostaria de ser na vida. Diferentemente de muitos adolescentes, posso dizer que fui privilegiado, pois, desde que entrei no Vale Música, a dúvida sobre o que iria fazer da vida desapareceu.

Aos poucos, fui crescendo dentro do Projeto, e não só musicalmente: com o Vale Música aprendi a ter empatia e, sempre que possível, ajudar o próximo, mesmo que seja no mínimo. Aprendi a trabalhar em equipe, afinal, já participei de todos os grupos do Vale Música. Atualmente, o único grupo do qual não participo é o Coral. Desenvolvi minha ética e conceitos de moralidade, aprendi o valor do trabalho e do esforço – afinal, um músico estuda anos e anos para, às vezes, apresentar-se uma única vez.

Em resumo, devo ao Vale Música grande parte do que sou hoje e a pessoa que me tornei. Costumo dizer que tenho duas famílias: uma é a que me criou dentro de casa, meus pais e parentes; a outra é a que me complementou e que me deu bagagem e conteúdo, e que gentilmente chamo de Família Vale Música.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até a formação atual, com a possibilidade de estudar Música em Nova York.

No Vale Música, as coisas são sempre muito dinâmicas, e a gestão sempre faz acontecer da forma mais orgânica possível. Quando entrei no Vale Música, não tinha praticamente nenhuma noção teórica e nunca havia tido contato com o instrumento, que, hoje, é o meu melhor amigo e companheiro.

Mesmo assim, sem nenhuma noção, fui instruído por vários professores que foram imprescindíveis para que eu chegasse onde estou hoje. Rapidamente evoluí e comecei a participar de grupos como a Orquestra de Cordas, a Banda Sinfônica e a Jazz Band, grupos de que faço parte há cerca de seis anos e onde vivi os momentos mais emocionantes.

O primeiro deles foi o concerto com o grande cantor e compositor Ivan Lins e com o pianista, arranjador, compositor e maestro Gilson Peranzetta. Lembro até hoje dos ensaios e da ansiedade pelo grande dia do concerto. Afinal, são dois grandes nomes da música brasileira e referências gigantescas para mim e para muitos outros músicos.

O concerto com o pianista Gilson Peranzetta teve a participação da Vale Música Jazz Band. O concerto com o Ivan Lins foi com a Orquestra Jovem Vale Música e o Coral Vale Música. O maestro Gilson apresentou um repertório extremamente desafiador para um grupo de adolescentes; na época, eu tinha 16 para 17 anos e estava há cerca de um ano e meio estudando baixo elétrico, o que aumentou ainda mais o nível de dificuldade do repertório, dada a minha inexperiência com o instrumento. Tive também a incrível experiência de tocar com o guitarrista e compositor Roberto Menescal junto com a Banda Sinfônica Vale Música. Tive essas enormes oportunidades antes mesmo de completar 18 anos.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo?

O encontro que mais me marcou até hoje aconteceu recentemente, em 2019, quando tive a oportunidade de tocar com a Orquestra Sinfônica de Ouro Preto por meio de uma seleção do próprio Vale Música. Ao chegar lá, antes do primeiro encontro, tive uma grata surpresa ao saber que o André Geiger é o atual contrabaixista da orquestra.

O André Geiger é um baixista de extremo renome, já tocou na Orquestra Sinfônica de São Paulo, foi chefe de naipe da Orquestra Sinfônica Brasileira **por uma década** e, atualmente, é concertino da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Vale ressaltar que essas são consideradas, por muitos, as três melhores orquestras do país.

Ironicamente, o André Geiger foi um dos primeiros baixistas que assisti em alguns vídeos no *YouTube*, com 13 anos, nos meus primeiros dias de contrabaixo, e esse encontro realmente foi algo que nunca imaginei que iria acontecer.

Também em 2019, tive a chance de tocar com a Orquestra Sinfônica Brasileira, que, como disse, é uma das mais renomadas orquestras do Brasil. Assim como o André, a OSB é um grupo que acompanho desde os meus primeiros dias de contrabaixo.

Há pouco tempo, tive a honra de contracenar no palco com um dos meus ídolos na música instrumental, o violinista e compositor Ricardo Herz, um hipermúsico, dono de uma técnica única e inovadora, além de uma escrita musical simplesmente genial, criada por ele para expressar de forma ideal a música brasileira em instrumentos de corda friccionada (violino, viola, cello, baixo, rabeca etc.).

Ao final dos ensaios e do concerto, tive a grata surpresa de receber da coordenadora do Vale Música, Júlia Sodré, a indicação do Ricardo Herz para que eu fizesse a prova da Berklee College of Music, uma das maiores faculdades de música do mundo.

MAURO SÉRGIO NUNES DE OLIVEIRA JÚNIOR



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Aluno do bacharelado em Fagote na
Universidade de São Paulo (USP)

Função atual

Músico fagotista

A pessoa que passa pelo Vale Música não sai da mesma forma que entrou, seja aluno, seja professor. Quando ingressei no Projeto, tinha vários problemas e dificuldades, não tinha perspectiva e, hoje, graças ao trabalho e à dedicação de cada integrante do Projeto, posso seguir o meu sonho e alcançar meus objetivos. A camisa do Vale Música é uma camisa que irei vestir por toda a minha vida!”

Mauro Sérgio Nunes de Oliveira Júnior



O fagotista Mauro Júnior no concerto da Orquestra Sinfônica do Conservatório de Tatuí, na Igreja Matriz de Tatuí (SP), em junho de 2019.

Foto: Acervo pessoal

Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?

Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?

Em 2015, aos 16 anos de idade, tive a oportunidade de iniciar meus estudos musicais no Projeto Vale Música. Através da indicação de um amigo, busquei conhecer o Projeto e fiz o processo seletivo. Foi um momento muito especial e interessante, pois, na época, eu já estava com a idade um pouco fora dos padrões desejados pelo Projeto. Foi então que o professor e maestro Eduardo Lucas e a coordenadora Júlia Sodré resolveram me dar uma oportunidade; até então eu não os conhecia. Fiquei muito contente pela chance.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

Em minha pequena pesquisa sobre o Projeto, fiquei impressionado pela organização e estrutura. Quando ingressei, já estudava saxofone havia cerca de um ano, e, até então, não tinha nenhuma pretensão de seguir a carreira de músico profissional. Naquela época, a profissão de músico não fazia parte do meio social com o qual eu convivia.

Onde você morava na época? sua família o incentivou a estudar música?

Residia no município de Serra, no bairro Taquara I, onde meus pais moram até hoje e onde passei boa parte da minha infância. A minha família sempre confiou em mim e me deu a liberdade de escolher o que eu gostaria de estudar e me dedicar. Eu via, em alguns momentos, que eles não ficavam contentes com a minha escolha, porém, sempre me apoiaram. Na época, pelo fato de não terem o conhecimento da profissão de músico, criaram uma imagem estereotipada da profissão. Porém, com o passar do tempo, tive oportunidades e algumas conquistas que fizeram com que meus pais conhecessem de fato a profissão. Em alguns momentos, meu pai falava que eu deveria buscar estudar outras coisas, por causa do mercado de trabalho, mas, quando fui aprovado na universidade, ele ficou muito emocionado e falou que o que eu estava buscando era o que ele queria para mim.



Mauro tocando saxofone no concerto da Vale Música Jazz Band no Festival de Inverno de Domingos Martins, em julho de 2017. Foto: Acervo pessoal

Há algum músico na família que o tenha influenciado na sua opção pela carreira musical ou essa decisão foi exclusivamente sua?

Na família não tem nenhum músico, porém, quando criança, tive um apego muito grande a um tio que sempre ouvia música ou estava tocando o seu violão. Infelizmente, eu o perdi, mas meus pais sempre falam que eu herdei o dom ou interesse deste tio, pois ele era muito dedicado à música. Em todos os momentos em que estávamos juntos, havia sempre música. Por vezes, ele falava que o desejo dele era que eu fosse um músico. Meu tio Daniel foi uma pessoa muito sábia e inteligente, era apaixonado por música clássica, apreciava música de concerto e música de câmara.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

A música, em si, é uma arte elevada, que tem a capacidade e a competência de transformar nossas vidas e de falar ao nosso interior, mesmo na ausência de palavras. A música foi um escape em minha vida naquele momento. Eu estava passando por momentos difíceis, porém, quando estava no Vale Música, a música fazia com que os meus problemas e preocupações ficassem fora da Estação Conhecimento. A música é uma ferramenta eficaz na ativação do aprendizado. Depois que passei a estudar música, percebi que sempre estava disposto a estudar e a conhecer, a ter organização em minha vida e me tornei uma pessoa mais sociável.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até a formação profissional em música.

Quando cheguei ao Projeto, eu tinha poucos conhecimentos teóricos, porém, já havia cerca de um ano que tocava saxofone, e tive aulas, desde o início, da teoria musical. Tive a oportunidade de participar da Banda Sinfônica, que estava preparando um repertório superbacana com vários temas de filmes. A Banda Sinfônica foi um grupo que me motivou muito a estudar o saxofone, os repertórios eram verdadeiros desafios e isso me motivou a estudar muito. O professor Eduardo Lucas foi uma pessoa importantíssima neste período; melhor dizendo, ele foi o meu mentor. Nos ensaios, o respeito e a devoção com a mú-

sica sempre foram uma grande motivação. O Eduardo sempre incentivou e apoiou todos os alunos, ele nos ajudava em tudo o que precisávamos e nos confiava responsabilidades. Eu conheci o fagote através do Eduardo. O Vale Música tem um fagote chinês que estava parado há anos, e o maestro começou a incentivar os alunos a aproveitarem ao máximo o que o Projeto poderia oferecer. Em todos os ensaios, ele comentava sobre o fagote e encorajava os alunos a pesquisar e a buscar conhecer o instrumento.

Foi, então, que resolvi aprender, e foi uma responsabilidade muito grande, por causa da sua complexidade e por ser um instrumento muito caro. Logo pude levar o instrumento para casa e fui aprendendo sozinho, até que consegui uma aula com meu primeiro professor de fagote, o Deyvisson Vasconcelos, uma pessoa muito especial em minha vida por ter acreditado e dedicado o tempo e me ajudado com aulas gratuitas, ferramentas e acessórios para o estudo do instrumento.

Em 2017, o Deyvisson passou a ser voluntário, e as aulas, que antes ocorriam na casa dele, passaram a ser no espaço do Vale Música. O Vale Música sempre teve um ambiente familiar e de muito companheirismo. Até nos dias de hoje, quando vou ao Vale Música, sinto as mesmas sensações de quando era aluno do Projeto. Impossível falar do Vale Música sem falar da Júlia Sodré, que foi para mim – e é para todos – uma mãe incrível (mãe de verdade, em todos os sentidos). A Júlia é uma pessoa muito iluminada e querida, a quem devo toda a minha gratidão. Sempre tive todo o apoio que eu poderia ter. A Júlia, principalmente, sempre

conversou muito sobre a carreira profissional da música e sempre me deu todas as oportunidades.

Durante o período como aluno, fui contemplado com uma bolsa para participar e ter aulas no Festival de Inverno de Domingos Martins (2016 e 2017), pelo Projeto Vale Música. Tive o prazer de ter sido a primeira geração do grupo Vale Música Jazz Band. Nesse grupo, tive grande contato com o mundo do jazz, fizemos diversos repertórios superlegais, e era um grupo que passou a se apresentar constantemente. O Projeto sempre foi repleto de atividades, concertos e recitais, o que, naturalmente, exigia muita dedicação, e foi muito importante a experiência das apresentações e dos grandes concertos. Tivemos uma turnê no estado de Minas Gerais.

No Projeto Vale Música, tive a oportunidade de conhecer e tocar com artistas de carreira internacional, como Gilson Peranzetta, Ivan Lins e Roberto Menescal, entre muitos outros. O Vale Música é um Projeto muito querido pelos artistas brasileiros em geral.

No final de 2017 e início de 2018, foi o momento que tive que dizer um “até breve”. Havia sido aprovado no Festival de Música de Santa Catarina (Femusic). Nessa edição, fui o único aluno a representar o Projeto em um festival internacional, e o Vale Música me deu todo o apoio possível, financeiro e emocional. Eu mal sabia que, após essa viagem, eu diria “até logo” ao Vale Música. Durante o Festival, o professor de fagote Benjamin Coelho (The University of Iowa/EUA), natural de São Paulo, e nascido em Tatuí, me recomendou a estudar no Conservatório de

Tatuí. Ele fez uma carta de recomendação e enviou ao conservatório. Durante o festival, fizemos uma preparação para o teste prático.

O Conservatório de Tatuí é uma tradicional escola de música, respeitada em todo o mundo, e responsável pela formação dos melhores e mais bem preparados músicos do Brasil. Logo após o festival, ocorreram as provas do conservatório, então, fui direto de Santa Catarina para Tatuí. Voltei a Vitória apenas para pegar minha mudança para São Paulo. O Vale Música sempre foi meu porto seguro. Sempre tive aulas de qualidade com uma equipe de professores superdedicada, sempre tive apoio emocional com meu professor e mentor Eduardo Lucas, sempre tive apoio financeiro e muito amor. E tudo o que eu estou vivendo hoje serei eternamente grato ao Projeto Vale Música e a toda a equipe.

Onde você estuda música atualmente? Qual a maior dificuldade que tem enfrentado para realizar o sonho de ser um músico profissional?

Atualmente, sou aluno do bacharelado em Fagote na Universidade de São Paulo (USP). Apesar de São Paulo ser um estado rico culturalmente, ainda assim encontramos muitas dificuldades, principalmente de investimento em educação e de incentivo à cultura. A profissão do músico muitas vezes não é tida como uma profissão e acaba sendo desvalorizada, principalmente pelas autoridades. O

músico depende de um público para a música se manter viva, e, em muitos estados, como é o caso, principalmente, do Espírito Santo, os grupos musicais de concertos não têm um público abrangente. O mercado de trabalho está cada vez menor, o que leva vários estudantes ou músicos profissionais a optarem por morar, estudar e trabalhar em outros países, onde a cultura e o conhecimento são as bases essenciais do país.

Quais os momentos mais emocionantes que você vivenciou no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo?

Todos os concertos foram marcantes e emocionantes, pois cada concerto era uma conquista e fruto de um trabalho árduo e um desafio vencido. Sem dúvidas, o mais emocionante foi o concerto em homenagem ao pianista e compositor Gilson Peranzzetta. Tenho o Gilson como um artista incrível e completo. Posso afirmar que o Peranzzetta é o artista mais feliz e realizado do mundo por ser um músico, e ele nos ensina tudo isso com sua música, que é uma dádiva de Deus. Através do Vale Música e da Júlia, tive a oportunidade de conhecer e de me aproximar do Peranzzetta, e foram momentos incríveis e de muito aprendizado. Nesse concerto, tive a oportunidade de fazer uma homenagem ao Gilson e foi algo marcante em minha vida, pois, em nome de todo o Projeto, fiz uma singela carta de agradecimento a ele.

O Projeto Vale Música passou a ser o carro-chefe do Festival de Inverno de Domingos Martins, então, em todos os anos, os grupos artístico-pedagógicos se apresentavam no palco principal, e era o maior sucesso. Com o passar dos anos, as apresentações do Vale Música tornaram-se as mais esperadas do Festival. Participei de diversas oficinas e festivais organizados e oferecidos pelo Vale Música, onde tive contato e acesso a maestros importantíssimos, com os quais tive a oportunidade de trabalhar em São Paulo. Com o Projeto Vale Música, tive a oportunidade de participar de uma turnê com a Banda Sinfônica, em Minas Gerais. Foi uma experiência incrível.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida? Em que sentido?

Com toda certeza, SIM! Sou eternamente grato por ter feito parte desta família. Além de um projeto social e musical, o Vale Música é uma grande família. É muito gratificante e emocionante olhar para meus colegas agora e poder ver a diferença que o Projeto fez em nossas vidas. Vários colegas seguiram a carreira de músico profissional e estão tocando em orquestras, lecionando e criando projetos musicais. Acima de tudo isso, o Projeto nos forma como cidadãos do bem, como pessoas com caráter e valor. A pessoa que passa pelo Vale Música não sai da mesma forma que entrou, seja aluno, seja professor. Quando ingressei, tinha vários problemas e dificuldades, não tinha perspectiva e,

hoje, graças ao trabalho e à dedicação de cada integrante do Projeto, posso seguir o meu sonho e alcançar meus objetivos. A camisa do Vale Música é uma camisa que irei vestir por toda a minha vida!



O jovem músico capixaba na masterclass com o diretor da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (USP), Fábio Cury, em agosto de 2019. Foto: Acervo pessoal

BRUNA KNUPP ALVES



Cantora foi uma das solistas do concerto "Djavaniando", apresentado pela Banda Sinfônica Vale Música no Teatro Glória, em dezembro de 2019. Foto: Ricardo Galvão

Formação musical e acadêmica

Aluna do Projeto Vale Música Espírito Santo

Função atual

Trabalha cantando em bares

Entre as experiências marcantes na minha vida, está o concerto “Canta Raul”, em 2019, no qual fui uma das solistas do Coral Jovem. Tivemos um público enorme, a fila estava rodando o Teatro da Ufes. Lembro também da minha primeira apresentação com a Jazz Band, em Ouro Preto, tocando piano, e ainda fora do Estado. A mais memorável de todas foi o concerto “Djavaniando”, em que estive entre os quatro solistas que acompanharam a Banda Sinfônica”

Bruna Knupp Alves

Como e quando o Projeto Vale Música ingressou na sua vida? Em que ano e com que idade você entrou no Projeto?

Em 2013, entrei no coral do Parque Botânico, regido, na época, pela Alice Nascimento. Porém, em maio de 2014, quando eu tinha meus 13 anos, minha mãe conversou com a Alice sobre algum local que oferecesse aula de música gratuita na Serra. Ela nos apresentou o Vale Música, já que trabalhava no lugar da Júlia, que estava de licença maternidade. Foi aí que tudo começou.

O que a levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser música profissionalmente?

Sempre gostei de música e já estava no Coral do Parque. Porém, iria ficar muito longe continuar indo ao local, e eu não queria deixar de cantar, não queria deixar a música. Eu não tinha conhecimento sobre leitura de partitura porque só havia participado do Coral do Parque Botânico por alguns meses, e lá não tinha ensino de teoria musical. Eu não pensava em seguir carreira, apenas em continuar cantando.

Onde você morava na época? Sua família a incentivou a estudar música?

Nessa época eu morava em Feu Rosa, na Serra. Minha família sempre me incentivou quanto à música porque percebia que, desde bem pequena, eu gostava de cantar.

Há algum músico na família que a tenha influenciado na sua opção pela carreira musical ou essa decisão foi exclusivamente sua?

Na minha família não há músicos formados ou alguém que viva disso. Porém, minha mãe foi minha maior influenciadora. Ela cantava na igreja, e eu me inspirava ao vê-la cantando.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

Estar nesse meio representou, para mim, um conhecimento a mais e uma felicidade inexplicável, porque a música sempre me alegrou. Estar perto de pessoas incríveis e com o mesmo gosto – a música – também era muito bom.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluna até o momento atual. De quais grupos participa atualmente no Projeto e em quais funções?

A minha evolução no programa é nítida. Quando entrei, era uma menina bem tímida, na minha, mas, conforme o tempo foi passando, fui criando amizades com as pessoas de lá e me familiarizando com o local. Eu participava do Coral, que era o que eu mais amava, e fazia aulas de violão, algo de que também gostava, mas não era o que me fazia mais feliz. Até que, em 2019, tomei a decisão de tocar piano. Hoje tenho duas paixões: a voz e o piano. Ou seja, evoluí enquanto cantora, fiz o

meu primeiro solo em 2017, no concerto de rock do Coral. No ano passado, fiz meu primeiro solo com a Banda Sinfônica, no qual cantei músicas sozinha, sem um coral me acompanhando. Evoluí em leitura de partitura e também no piano. Em apenas alguns meses, entrei na Jazz Band. Atualmente, participo do Coral Jovem e da Jazz Band.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo?

Confesso que essa pergunta é até difícil de responder, pois todos os momentos foram emocionantes! Mas, entre as experiências marcantes na minha vida, está o concerto “Canta Raul”, em 2019, no qual fui uma das solistas do Coral Jovem. Tivemos um público enorme, a fila estava rodando o Teatro da Ufes. Lembro também da minha primeira apresentação com a Jazz Band, em Ouro Preto, tocando piano, e ainda fora do Estado. A mais memorável de todas foi o concerto “Djavaniando”, em que estive entre os quatro solistas que acompanharam a Banda Sinfônica. Posso dizer que esse concerto foi muito emocionante e que evoluí muito nesse sentido. A minha primeira apresentação fora do estado foi em Belo Horizonte, em 2015, e a última foi com a Jazz Band, em Ouro Preto, em 2019.

Pode-se afirmar que o Vale Música ajudou a transformar sua vida? Em que sentido?

Sempre gosto de dizer que a música é, de fato, transformadora. Posso ir além: o Vale Música mudou e ainda muda minha vida todos os dias. No início de 2018, comecei a ter alguns problemas, como ansiedade, e cheguei até a sair do Vale Música (hoje não dá para acreditar que fiz isso). Em agosto daquele ano, eu estava muito mal, e minha mãe sempre me incentivava a voltar, porque ela sabia o quanto era importante para a minha vida e o quanto estar longe do Projeto estava me fazendo mal. Então, em 02/08/2018, no dia do meu aniversário, eu voltei para o Vale Música. Mesmo enfrentando a ansiedade e os meus problemas, entrei com tudo novamente e vi que a música é a minha vida. No ano passado, decidi seguir a carreira de musicista. O Vale Música salvou a minha vida, em todos os sentidos.

MATHEUS ANISIO HELMER



Matheus Anisio integrou o elenco de cantores solistas do concerto "Djavaniando". Foto: Ricardo Galvão

Formação musical e acadêmica

Canto (Coral) /Violoncelo

Função atual

Estudante

A minha entrada no Vale Música e tudo o que foi proporcionado pra mim naquele momento foi, literalmente, um divisor de águas na minha vida. Estava no 2º ano do ensino médio e, naturalmente, é nesse período que começam as cobranças sobre o futuro. Eu me cobria de dúvidas e incertezas em relação ao que queria. Exatamente nesse momento, o estudo musical veio pra representar a resposta das dúvidas que eu tinha”

Matheus Anisio Helmer



Atualmente Matheus faz parte do naipe de Violoncelos da Orquestra Jovem Vale Música e compõe o naipe de baixos do Coral Jovem Vale Música.
Foto: Ricardo Galvão

Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?

Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?

O Vale Música entrou na minha vida em 2017, pouco antes de eu completar meus 16 anos, através do Lucas Anizio, um dos professores do Projeto. Ele me encorajou a participar do processo seletivo para as vagas que foram abertas naquele ano.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

A arte sempre foi muito presente na minha vida. O que me levou, de fato, a participar do Projeto foi a vontade de aprender música. Sempre sonhei, de forma introvertida, em ser um

músico profissional, mas via isso como algo muito distante da minha realidade.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música?

Na época, eu morava no bairro Boa Vista II, na Serra, onde vivo até hoje. Minha família me incentivou e continua me incentivando, o que me alegra muito! Sinto uma força sem igual por ter esse estímulo vindo de pessoas que são parte da minha vida.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

A minha entrada no Vale Música e tudo o que foi proporcionado para mim naquele momento foi, literalmente, um divisor de águas na minha vida. Estava no 2º ano do ensino médio e, naturalmente, é nesse período que começam as cobranças sobre o futuro e eu me cobria de dúvidas e incertezas em relação ao que queria. Exatamente nesse momento, o estudo musical veio para representar a resposta das dúvidas que eu tinha.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até o momento atual. De quais grupos participa atualmente no Projeto e em quais funções?

Assim como vários outros alunos, entrei no Vale Música sem nenhuma base de teoria musical. Minha única vivência musi-

cal vinha de grupos da igreja, apresentações na escola e alguns poucos casamentos em que cantei. O Projeto me proporcionou várias experiências e posso afirmar que algumas delas foram as primeiras e também as melhores da vida! Nunca tinha pisado em um palco antes. Foi em julho de 2017, com o Coral Jovem Vale Música, que pisei pela primeira vez. Se hoje consigo me apresentar de forma independente em festas e eventos, isso é graças ao Projeto!

Atualmente, faço parte do naipe de violoncelos da Orquestra Vale Música e também componho o naipe de baixos do Coral Jovem Vale Música.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música (as principais apresentações, concertos, oficinas)? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo?

Ainda não participei de apresentações fora do estado, mas as de que participei no Espírito Santo são de um valor sentimental gigantesco para mim! Posso citar o Festival de Inverno de Domingos Martins e os concertos “Canta Raul” e “Djavaniando” como os momentos mais emocionantes para mim. O Festival foi bem marcante e emocionante, por ter sido uma semana inteira de imersão musical, e por tudo o que a gente viveu naquela cidade; os concertos, por toda carga de energia positiva que depus no Projeto, e por toda a preparação que a gente teve pra fazer aquilo acontecer.

Pode-se afirmar que o Vale Música ajudou a transformar sua vida? Em que sentido?

Definitivamente, sim! Costumo dizer que o Vale Música nos permite sonhar e nos ajuda a realizar, pois é exatamente o que vivo no Projeto. Sempre sonhei com a música como meu trabalho, e é esse sonho que o Vale Música tem me ajudado a realizar. Sou extremamente grato por todas as experiências que tive lá dentro e que ajudam a moldar a arte que apresento fora do Projeto, de forma independente. Em qualquer oportunidade que tenho, faço questão de falar sobre a minha trajetória e sobre esse Projeto tão lindo que muda a vida de tanta gente, assim como mudou a minha.

RUBENS DO NASCIMENTO CORRÊA JÚNIOR



Rubens Júnior concilia os estudos na área de Sistema de Informação com o aperfeiçoamento em Música. Foto: Ricardo Galvão

Formação musical e acadêmica

Estudante de violão e guitarra no Vale Música.

Função atual

Estudante de bacharelado Sistemas de Informação no Ifes Campus Serra e integrante do Coral Jovem Vale Música



O Vale Música ajudou a transformar a minha vida. Sou uma das provas de que lá eles não constroem só músicos, mas, principalmente, pessoas, mostrando quão poderosa pode ser a união e que a força de vontade, a garra e o empenho de todos fazem a diferença”

Rubens do Nascimento Corrêa Júnior



**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

A forma como eu descobri o Vale Música foi um tanto quanto peculiar. Em 2017, o Coral Jovem Vale Música estava com um concerto de músicas de rock – e que concerto! – chamado “Vale Música in Rock”. Em um dos concertos, no Teatro Sesc Glória, eu fui a convite de uma amiga e de um conhecido que faziam parte do Coral. Ao chegar lá, fui recompensado assim que começou o concerto; uma experiência de luzes e sons, sensações e emoções, algo que me toca até hoje e é até difícil de descrever por meio de palavras. Tudo aquilo me deixou muito encantado, e, um pouco antes do concerto acabar, eu pensei: “Nossa, seria incrível se eu pudesse estar lá, vou tentar!”. Assim se deu o início da minha história com o Vale Música. No ano seguinte, em 2018, quando ainda tinha 16 anos, fiz um teste para violão e queria também atuar no coral, mas acabei não falando que queria o coral também porque, mesmo sendo apaixonado por violão, por tocar e cantar, eu queria muito sentir aquela emoção em cima do palco, como tinha visto no concerto de 2017.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser músico profissional?

O concerto de 2017 “Vale Música in Rock” fez com que surgisse em mim o desejo de participar de tudo aquilo que fez com que brilhassem meus olhos, e uma música, em especial, norteou tudo isso. Nesse momento pensei em, talvez, entrar com

“Don’t Stop Believin’”, da banda Journey, música que tem um lugar especial no meu coração e na minha mente porque esteve presente em várias ocasiões da minha vida. Jamais, em momento algum, pensei que fosse estudar música, quanto mais olhar para uma partitura. Nem pensar! Lembro-me do primeiro ensaio, ainda não oficial. Cheguei num canto ao qual o maestro me designou, e ele pediu que eu observasse o ensaio do coral. Mais uma vez, meus olhos brilhavam, aquilo era lindo, magnífico. Após o ensaio, fiz o teste com outra música muito especial pra mim, “Uma vez mais”, na interpretação de Ivo Pessoa. Passei no teste, comecei a ir aos ensaios. Foi aí que pude perceber que por trás de toda aquela magnífica apresentação tinha muitos ensaios e muita entrega; não é algo que se tem do dia pra noite. Além do desafio de olhar partituras e desvendar os mistérios da música, eu tinha que cantar em inglês. No período de dois meses até a minha primeira apresentação, tive que aprender mais de dez músicas em inglês. Foi difícil, e, mesmo não sonhando em seguir uma carreira musical de forma profissional, entendi que ser músico não é só simplesmente chegar, tocar e cantar, como podemos fazer em uma roda de amigos, como algo para se divertir. Para que as pessoas sentissem aquela mesma sensação que eu senti, eu teria que me esforçar, e, mesmo não sabendo muito, ainda teria que absorver o máximo de informação.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música?

Na época, eu morava onde ainda moro hoje. O papel da minha família foi muito importante. Desde pequeno, sempre tive contato com músicas de diversos gêneros. Meu pai, desde sempre, ama música, e, como não poderia ser diferente, todos temos uma que mexe conosco. Eu tenho várias, principalmente por lembrar momentos com a minha família. Meu pai tinha um DVD do show de 30 anos do Roupas Nova, tinha também da dupla sertaneja Gino e Geno, entre outros. Nesse meio, fui construindo toda a minha paixão por música. Quando surgiu a oportunidade, eu estava almejando uma vaga de emprego, mas queria muito participar do Vale Música. Mesmo sem saber se seria chamado escolhi fazer o teste e tive o apoio dos meus pais. Eles me ajudaram em tudo que precisei para entrar e permanecer no projeto, sempre que possível, prestigiando as apresentações de que participava.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

Realmente, a música transforma. Quando entrei para o Vale Música, eu estava cursando o último ano do ensino médio, e tive que conciliar os estudos da escola com as atividades do Vale Música. No início, foi bem difícil, mas, lá, temos muito apoio e pessoas incríveis dispostas a ajudar naquilo que podem e, se puderem, tentam dar um jeito de tornar possível. Dentro do

Vale Música, com as responsabilidades a nós atribuídas, precisamos amadurecer. Tudo isso comigo vem acontecendo não de forma pesada, mas sempre com aquele apoio, com aquela assistência. Se pudesse descrever a representatividade do estudo musical em uma palavra, eu diria: evolução. Não somente em quesito musical, mas em aspecto humano. Na música, você aprende que, por mais simples que seja aquilo que esteja fazendo, é importante. Se alguém só tocar apenas algumas notas em uma grande peça, ainda sim, aquelas notas importam; ou se alguém, em algum dos naipes do coral, cantar errado, a música não será o que o maestro planejou. Por aí, podemos ter um exemplo de como a vida funciona. Mesmo que você ache que seu trabalho, opinião ou observação seja irrelevante, isso não é verdade. Seu papel tem importância, portanto, você deve tentar dar o melhor de si naquilo que faz.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluno até o momento atual. De quais grupos participa atualmente no Projeto e em quais funções?

Após aquele concerto no dia 13 julho de 2018, bem no Dia Mundial do Rock, realizado no Parque Botânico Vale, tive a oportunidade de fazer um teste para ser um dos solistas no concerto da Banda Sinfônica Vale Música. Até fazer o teste, fiquei bem apreensivo, realmente não sabia o que ia acontecer, e um pouco assustado com essa novidade. Sempre fui muito tímido cantando em público, com alguém gravando, ou fazendo uma nova amizade, e ainda sou, porém, menos nas apresentações.

Depois de ter me empenhado e tentado dar o meu melhor, fui lisonjeado com uma menção honrosa. Era o meu primeiro ano no Vale Música e o primeiro ou segundo teste que eu fazia, então, acho que foi uma surpresa para mim e também para eles. Fiquei muito feliz, pois foi com aquela música que eu citei, *"Don't Stop Believin'"* ! E eu não parei de acreditar. Depois, muitos acompanhamentos com a incrível e carismática preparadora vocal e professora de canto Alza Alves, eu consegui perder a timidez nos palcos e melhorar a forma como cantava e interpretava. Ela teve um papel muito importante no desempenho daquela apresentação e de outras. No coral, percebi que as dificuldades são muitas, mas, se você quiser, consegue evoluir e cantar músicas que jamais pensou em cantar e de uma forma que você jamais imaginou. Nesse tempo de coral, passei por diversas culturas: o rock dos anos 80, 90, a música nacional de Rita Lee e Raul Seixas com o Coral Jovem Vale Música, cantando Tim Maia e Djavan com a Banda Sinfônica, sempre cercado de muito suor e empenho. E hoje, no quesito violão e guitarra, toco coisas que jamais imaginaria tocar, levando em consideração que eu só sabia tocar os sertanejos que aprendia na escola com os amigos ou em sites da internet. Tanto no quesito voz e violão, o Vale Música me proporcionou uma imersão na música. Só de assistir aos ensaios de outros grupos, você acaba aprendendo também. Ainda não estou onde gostaria de estar, mas sinto que, podendo continuar no projeto, posso chegar a notas e acordes mais distantes.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música (as principais apresentações, concertos, oficinas)?

Como diz o ditado, “o primeiro a gente nunca esquece”, e acho que comigo não poderia ser diferente. No Concerto de Rock no Parque Botânico Vale, cheguei a me emocionar exatamente naquela música *“Don’t stop believin”*. Ali, senti que, em menos de um ano, pude realizar o sonho de viver aquela experiência e de fazer as pessoas sentirem o que senti. Foi algo surreal. E ainda mais no Concerto em Homenagem ao Tim Maia: como não chorar escutando músicas como “Eu amo você”, “Descobridor dos sete mares”, “Você”, “Primavera”, “Gostava tanto de você”, entre outras? Ainda mais porque, naquele momento, eu estava passando por algumas coisas e, de certa forma, o Vale Música me ajudou a seguir. Chegar ao ensaio e cantar, escutar meus colegas cantando, outros tocando, era reconfortante para mim. Eles nem sabiam disso, mas aquilo me dava força e me fazia perceber que, por maior que sejam as dificuldades, existem coisas belas que podem renovar as energias, e a música é uma delas. Por isso, *“Don't Stop Believin'”*!

E quais as maiores dificuldades que você enfrentou para dar sequência à sua formação musical?

Em alguns momentos, até pensei em desistir, pelo fato de ter ingressado na faculdade em 2019. O curso é de Sistemas de Informação e não de Música, então, não teria a chance de reaproveitar muita coisa no estudo de uma em outra. Mas, conversando com meus pais, decidi continuar e, desde então, venho tentando conciliar tudo para caber no meu tempo.

Pode-se afirmar que o Vale Música ajudou a transformar sua vida? Em que sentido?

Sem dúvida alguma, sim! Com toda certeza, o Vale Música ajudou a transformar minha vida. Sou uma das provas de que lá eles não constroem só músicos, mas, principalmente, pessoas, mostrando quão poderosa pode ser a união, e que toda força de vontade, toda garra e o empenho de todos fazem a diferença. Sinceramente, gostaria de ter entrado no Projeto antes, mas acredito que tudo na vida tem um porquê. Talvez, se tivesse entrado antes, nada disso teria acontecido, e as coisas poderiam não ser as mesmas. Mas, de fato, o Vale Música me marca. Por isso tenho um carinho enorme e especial por esse projeto.

RAQUEL VITÓRIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

A aluna de saxofone Raquel Vitória com a Vale Música Jazz Band no Festival I Love Jazz 2019, em Belo Horizonte (MG).
Foto: site do Festival I Love Jazz

Formação musical e acadêmica

Estudante

Função atual

Saxofonista



Escolhi o saxofone porque fiquei encantada, desde o dia em que vi um saxofonista tocando esse instrumento. Eu era criança na época e a ideia de tocar saxofone ficou no meu coração, mas, naquele momento, não pude realizar esse sonho por causa das condições financeiras”.

Raquel Vitória Conceição dos Santos





Raquel com a irmã gêmea Rebeca no concerto "Natal In Jazz", no Teatro Glória, em dezembro de 2019. Foto: Thuanny Louzada

Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?

Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?

Fiquei sabendo do Vale Música através das propagandas que passavam na TV e também por um amigo que estudava lá na época e tocava na orquestra de uma igreja da qual eu fazia parte. Em 2018, quando eu tinha 16 anos, fiz a prova, fui aprovada e estou lá até hoje.

O que a levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser música profissionalmente?

O que me levou a participar do Projeto foi um amigo que tocava na mesma orquestra da qual eu participava na igreja. Hoje, ele é meu professor de Teoria. Ele falou do Projeto e me

incentivou a fazer a prova. Naquela época, eu já tinha um conhecimento básico de música.

Onde você morava na época? Sua família a incentivou a estudar música?

Eu morava em Jardim Campo Grande, em Cariacica. Sim, minha família sempre me incentivou e nunca foi contra a minha decisão de estudar música.

Qual a principal dificuldade que você enfrentou para continuar sua formação no Vale Música?

No início, a maior dificuldade foi a de frequentar as aulas porque o cartão não chegou de imediato (*NE: cartão de vale-transporte fornecido pela Estação Conhecimento de Serra aos alunos*), e eu tinha que conseguir dinheiro para pagar a passagem. Como minha mãe não tinha um trabalho fixo, ela tinha que vender reciclagem para eu e minha irmã frequentarmos e não perdermos as aulas. Isso foi um processo difícil, porque nem sempre ela conseguia, e aí tinha que pedir emprestado. Mas nunca deixamos de ir.

Por que escolheu o saxofone? Enfrentou algum tipo de preconceito por tocar esse instrumento?

Escolhi o saxofone porque fiquei encantada, desde o dia em que vi um saxofonista tocando este instrumento. Eu era crian-

ça na época, e a ideia de tocar saxofone ficou no meu coração, mas, naquele momento, não pude realizar esse sonho por causa das condições financeiras. Nunca sofri preconceito, que eu tenha percebido, mas sempre tem aquilo, né? Por mais que tenha muitas mulheres saxofonistas, existem mais homens nesse ramo.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

Representou uma oportunidade de poder crescer musicalmente.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluna até o momento atual. De quais grupos participa atualmente no Projeto e em quais funções?

Quando cheguei, não participava de nenhum grupo, mas, depois de algum tempo, entrei na Banda Sinfônica, na Jazz Band e no Coral Jovem. Senti uma evolução na leitura de partitura, foi uma experiência incrível tocar num grupo. Tive muito mais cuidado com meu instrumento e adquiri mais conhecimento e a cada dia mais e mais.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música? As principais apresentações, concertos, oficinas? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo?

Para mim, todos os momentos foram emocionantes. Mas, sem dúvidas, entre os concertos, o meu primeiro em Ouro Preto (MG) foi incrível. Outros também foram incríveis, como o “Divas do Jazz”, da Jazz Band, o “Djavaniando”, com a Banda Sinfônica, incluindo todas as apresentações que fizemos, dentro e fora do estado, e também o meu primeiro concerto com o Coral Jovem, que foi incrível. Todas foram experiências marcantes que irei levar para a minha vida.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida? Em que sentido?

Sim, me transformou como pessoa e também musicalmente. O Vale Música, para mim, era um sonho que se tornou realidade e só tenho a agradecer pelo carinho e dedicação de todos os alunos. É uma verdadeira família da qual eu faço parte. Também agradeço ao Vale Música por apoiar o nosso crescimento musical e profissional e nos abrir portas para esse caminho lindo e maravilhoso que é a música. Sempre vou ser grata por tudo.

REBECA VITÓRIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS



A aluna de trompete Rebeca Vitória participa da Vale Música Jazz Band, da Banda Sinfônica e do Coral Jovem.

Foto: site do Festival I Love Jazz

entrevista

Formação musical e acadêmica

Estudante

Função atual

Trompetista



Comecei numa banda marcial de uma escola e, na época, só tinha vaga para trompete. Eu queria muito entrar na banda, então, aceitei tocar o instrumento e me apaixonei. Muitas pessoas me perguntam se toco clarinete, violino, e, quando falo que toco trompete, elas ficam surpresas”

Rebeca Vitória Conceição dos Santos



**Como e quando o Projeto Vale Música entrou na sua vida?
Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?**

Entrei no Projeto em 2018, com 16 anos. Fiquei sabendo através de uma propaganda de TV e de um amigo que tocava na mesma orquestra que eu. Ele participava do Projeto, o que me levou a participar. Hoje ele é meu professor de Teoria.

O que a levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e sonhava em ser música profissionalmente?

Eu tocava na orquestra de uma igreja, então o meu amigo, que conheci na orquestra, me falou muitas vezes para eu me inscrever no Projeto, até que me inscrevi. Já tinha o básico de conhecimento musical, e o Vale Música me ajudou muito a levar a música como profissão

Qual as dificuldades que você enfrentou para seguir sua formação no Vale Música?

Bom, a maior dificuldade foi a passagem para ir às aulas, pois até a chegada do cartão (*NE: cartão de vale-transporte fornecido pela Estação Conhecimento de Serra aos alunos*), eu precisava de dinheiro para ir e minha mãe estava desempregada. Foi difícil. Então, a forma que minha mãe teve para ajudar foi cantando latinha e fazendo reciclagem todos os dias para vender, mas ela nem sempre conseguia o dinheiro todo e aí tinha que

pegar emprestado. Foi um momento complicado, mas nunca deixamos de participar de nenhuma aula.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

Representou uma oportunidade, um caminho para poder crescer musicalmente e seguir no que amamos fazer.

Por que escolheu o trompete? Enfrentou algum tipo de preconceito por tocar esse instrumento?

Comecei numa banda marcial de uma escola e, na época, só tinha vaga para trompete. Eu queria muito entrar na banda, então, aceitei tocar o instrumento e me apaixonei. Preconceito, acho que sempre vai ter, ainda mais por ser mulher e tocar um instrumento que é considerado para homens. Não sofri preconceito verbalmente, mas já teve e sempre tem muitos olhares. Muitas pessoas também me perguntam se toco clarinete, violino, e, quando falo que toco trompete, elas ficam surpresas.

Conte sobre sua evolução no Projeto Vale Música, desde os tempos de aluna até o momento atual. De quais grupos participa atualmente no Projeto e em quais funções?

Acho que evoluí bastante na leitura de partitura, teoria, instrumento, em vista de quando cheguei ao Vale Música, sem saber de muitas coisas. Atualmente, participo da Jazz Band, da Banda Sinfônica e do Coral Jovem.

Quais os momentos mais emocionantes que você viveu no Projeto Vale Música? As principais apresentações, concertos, oficinas?

Todos os momentos foram incríveis para mim. As minhas primeiras apresentações foram emocionantes. Meu primeiro concerto com a Jazz Band (“Divas do Jazz”) foi uma experiência sensacional. Minha primeira apresentação com a Banda Sinfônica em Domingos Martins e a minha primeira apresentação com o Coral, no Dia do Rock, foram incríveis. Todos os primeiros momentos foram marcantes, os primeiros contatos... Não só os primeiros, como todos os outros. Cheguei a viajar para Minas Gerais com os dois grupos, a Jazz Band e a Banda Sinfônica.

Pode-se afirmar que o Vale Música transformou sua vida? Em que sentido?

Sim, o Vale Música me proporcionou momentos incríveis como pessoa e como música. Para mim, o Vale Música é um sonho, uma grande oportunidade. Só tenho a agradecer por tudo, pelo carinho e pelo cuidado. O Vale Música, de um jeito ou de outro, faz de tudo para ajudar a todos, sempre apoiando, é uma verdadeira família. Só tenho a agradecer por tudo. É uma honra fazer parte desse Projeto maravilhoso.